



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Milton Hatoum e a consagração da memória: a Amazônia chega à ABL

Eleito para a cadeira nº 6 da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono é o poeta romântico Casimiro de Abreu, Milton Hatoum passa a integrar uma das linhagens mais simbólicas da instituição – aquela em que a memória, o lirismo e a identidade brasileira se entrelaçam como matéria literária. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Editorial

A direção editorial do JORNAL DE LETRAS resolveu optar por uma ação de variedade, sobretudo em relação à capa do periódico. E isso tem trazido bons resultados ao jornal, que segue a sua trajetória com toda dignidade. As suas matérias dão um colorido todo especial ao JL, que é muito elogiado por seus fiéis leitores. Gostaríamos de conhecer a opinião dos nossos leitores sobre possíveis reportagens. Apreciaríamos o envio de sugestões à nossa redação.

O Editor



A peça *Um Armorial Amoroso para Ariano Suassuna*, com os atores Marciah Luna Cabral e José Leon Zylbersztajn, em apresentação prestigiada por diversos acadêmicos (na foto, Antonio Carlos Secchin, Geraldo Carneiro e Fernanda Montenegro) no evento *Quinta é Cultura*, com entrada franca, no Teatro Raimundo Magalhães Júnior da Academia Brasileira de Letras. Fotos: Huberth Silveira.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editores-adjuntos: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

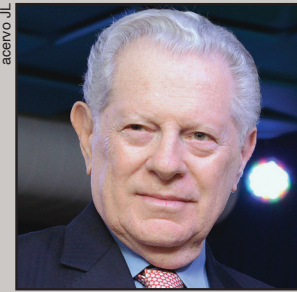
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

Opinião Arnaldo Niskier



A perda de Edgard Morin

O ano de 2026 assinalou uma perda notável para a cultura universal. Aos 104 anos de uma vida bem vivida, morreu em Paris o intelectual Edgard Morin, sociólogo que nos visitou diversas vezes, em geral a convite do Sesc/Rio de Janeiro, para falar sobre a sua experiência na Escola de Ensino Médio, que tive a honra de orientar a construção.

De descendência judaica, adotou esse sobrenome para fugir da perseguição nazista dos tempos nebulosos da II Guerra Mundial. Ele construiu uma filosofia original ao reunir elementos de psicologia, etnografia e biologia para compreender a condição humana. O seu sobrenome original era Nahoum, de origem sefardita. Pertenceu à Resistência francesa e foi um dos criadores do chamado cinema verité, que partia da pergunta: “Você é feliz?” Marcou profundamente o cinema documental.

Doutor Honoris Causa por 38 universidades estrangeiras, escreveu mais de 40 livros traduzidos para diversos idiomas. Em Português estão *Introdução ao Pensamento Complexo* e *O Método*, onde afirma que quanto mais conhecemos o ser humano, menos o compreendemos. O jornal francês *Libération* o definiu em perfil publicado em 2021 que até os seus últimos dias ele permaneceu atento ao mundo. Tinha orgulho de se considerar um “pensador humanólogo”.

Edgard Morin pertenceu ao Partido Comunista. Em 1959, publicou *Autocrítica*, obra que relatou sua expulsão da entidade a que pertencera e da qual chegou ao cargo de dirigente. Foi muito criticado pelas observações feitas ao comportamento de Israel com relação aos palestinos. Os desafios humanos alimentaram seu pensamento. Foi sempre muito fiel às suas ideias. Foi um homem de grande destaque na cena internacional e por isso a sua falta será sentida.

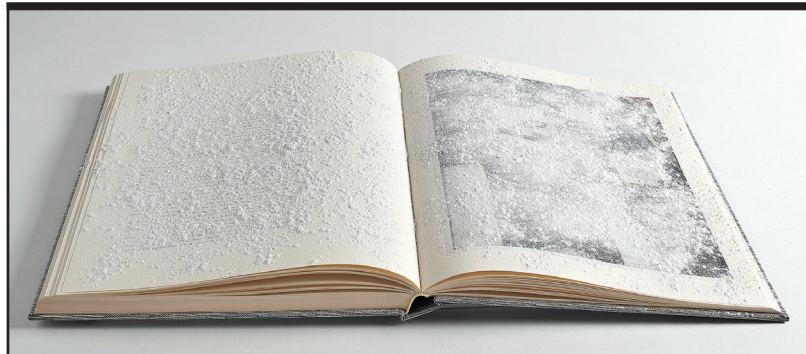


“A sede ensina a beber a todos os animais, mas a embriaguez só pertence ao homem.”

Henry Fielding

O (Tempo), de Waltercio Caldas, na Casa Roberto Marinho

Por Manoela Ferrari



Matisse-talco, 1978 – foto Jaime Acioli.

Até o final de setembro, o público terá a oportunidade de visitar a exposição O (Tempo), de Waltercio Caldas, na Casa Roberto Marinho. Reunindo cerca de 100 obras, produzidas entre 1967 e 2025 por um dos nomes mais influentes da arte contemporânea brasileira, a mostra, projetada pelo próprio artista, ocupa os espaços da instituição no Cosme Velho, Zona Sul do Rio, com esculturas, pinturas, desenhos, livros e ambientes que abrangem essas seis décadas de produção, revelando a consistência de uma pesquisa rigorosa em torno das tensões entre forma, espaço e percepção.

A organização das peças no espaço, as distâncias entre elas e o percurso do visitante integram o processo de construção da experiência. Quarto Azul (2007) abre o percurso expositivo. Na primeira sala, o ambiente envolve o visitante em um campo de cor atravessado por linhas que reorganizam a percepção do espaço.

A partir dessa entrada, trabalhos de diferentes momentos da trajetória de Waltercio passam a conviver em novas articulações, produzindo deslocamentos contínuos do olhar. Ao reunir peças concebidas em momentos variados, o (Tempo) aproxima criações históricas e produções recentes, revelando a continuidade de um pensamento poético que desafia as convenções da forma e do espaço. Entre eles estão obras emblemáticas como Condutores de Percepção (1969), uma das primeiras a explorar a participação ativa do olhar do espectador; e Centro de Razão Primitiva (1970) e As Sete Estrelas do Silêncio (1970), que já indicavam a precisão formal e a dimensão poética que se tornariam marcas recorrentes em sua produção.

Waltercio surgiu no cenário artístico brasileiro no final da década de 1960, em um momento de intensa renovação das artes visuais no país. Em diálogo com artistas e críticos que repensavam os limites da escultura, do objeto e da ideia de obra de arte, seu trabalho integrou a virada que deslocou o foco da representação para a experiência perceptiva e para o questionamento dos meios da arte.

Voltadas à experiência do olhar e à materialidade do invisível, as obras estruturam situações espaciais que convidam o espectador a percorrê-las com atenção, ativando um campo perceptivo no qual cada elemento ganha sentido em relação aos demais.

“O que busco é esta tensão que existe entre as coisas que conhecemos e as que não conhecemos”, reflete o artista: “A arte é a invenção de um aparecimento. Ela faz com que as coisas surjam para nós como se fossem capazes de alterar até mesmo as nossas dúvidas.”

O ARTISTA

Waltercio Caldas nasceu em 1946, no Rio de Janeiro. Escultor, desenhista, artista gráfico e cenógrafo, estudou pintura com Ivan Serpa, em 1964, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio). Entre 1969 e 1975, fez desenhos, objetos e esculturas. Em 1973, sua primeira individual recebeu o prêmio de melhor exposição do ano pela Associação Brasileira de Críticos de Arte. Nos anos 1970, deu aulas no Instituto Villa-Lobos, no Rio de Janeiro, e foi coeditor da revista *Malasartes* e do jornal *A Parte do Fogo*. Integrou a comissão de Planejamento Cultural do MAM Rio, responsável pela criação da Sala Experimental.

É considerado por críticos, curadores e escritores um dos mais importantes artistas do Brasil nos anos que se seguiram ao movimento

neoconcreto da década de 1960. Suas obras questionam e investigam a percepção humana, usando com frequência formas que desafiam a sensação de volume e profundidade.

Realizou exposições no Brasil e no exterior e foi agraciado pela Associação Brasileira de Críticos de Arte, em 1993, com o prêmio Mário Pedrosa, pelo conjunto da obra e por sua mostra individual realizada no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Em 1996, lançou a obra *O Livro Velázquez* e, pela primeira vez, apresentou seus cadernos de estudos durante a exposição individual Anotações 1969/1996. Esteve presente em várias Bienais de São Paulo, na Bienal de Veneza e na Documenta de Kassel (Alemanha).

Em 2018, foi um dos sete artistas curadores escolhidos para conceber uma exposição coletiva na 33ª Bienal de Arte de São Paulo, selecionando pinturas, esculturas e textos que tratavam de assuntos relacionados a tempo e espaço.

Em 2021, Waltercio Caldas participou da exposição coletiva A escolha do artista, realizada pela Casa Roberto Marinho. A mostra convidou cinco artistas a selecionar obras do acervo da instituição e estabelecer com elas um diálogo poético por meio de proposições autorais, criando novas relações entre trabalhos históricos da Coleção Roberto Marinho e produções contemporâneas.

Seus trabalhos estão em coleções de importantes instituições, como o Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), o Museu Reina Sofia (Espanha), o Centro Georges Pompidou (França), o Museu de Arte (MASP), a Pinacoteca do Estado e o Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Serviço:

Local: Instituto Casa Roberto Marinho

End: Rua Cosme Velho, nº 1105 – Rio de Janeiro | RJ – Tel: (21) 3298-9449

Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h.)

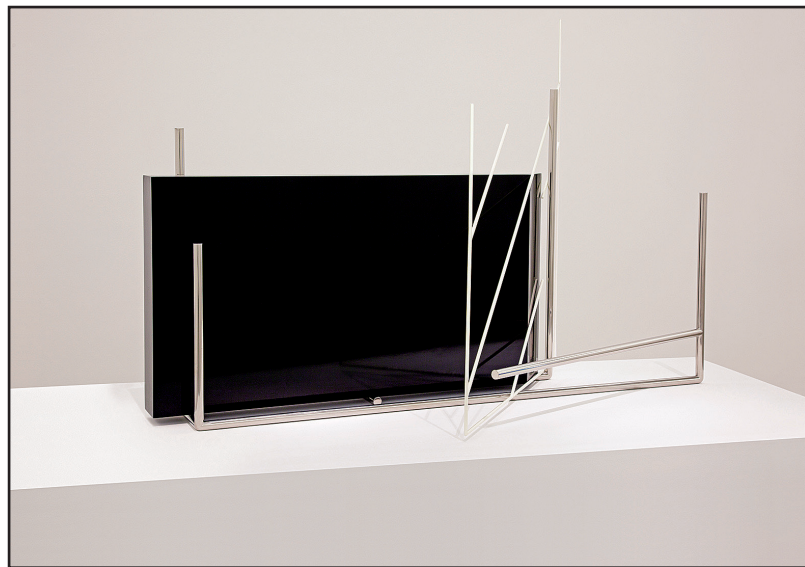
Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria: R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca para todos os públicos.

Aos domingos, “ingresso família” a R\$ 10 para grupos de quatro pessoas.



Condutores de percepção, 1969 – foto Jaime Acioli.



Piano, 2007 – foto Vicente de Mello.

Breves

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

● O EX-SENADOR E RELATOR-GERAL DA CONSTITUIÇÃO DE 1988, Bernardo Cabral, fez a Aula Magna da Graduação de 2026, na Escola Brasileira de Economia e Finanças (FGV EPGE), que teve como mediador o professor Rubens Penha Cysne, diretor da EPGE.

● O ROMANCE *OS NOMES* (ED. RECORD), de Florence Knapp, ganhou o prêmio de Melhor Livro de Estreia de Ficção no *British Book Awards* de 2026.

● *FILHOS DA MÃE GENTIL* (ED. INTRÍNSECA), romance de estreia do jornalista Roberto Feith, retrata com humor britânico um Brasil contemporâneo, com sua “cultura da vantagem”.

● EM *A DOR COMUM* (PLANETA), Cíntia Chagas e Manuela D’Ávila unem suas vozes para falar das dores vivenciadas por mulheres e da potência que nasce quando estas se reconhecem umas nas outras.

● GUIA PARA ENTENDER OS RISCOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, *Antes que Escolham por Nós* (Ed. Paper9), de Marcelo Kanham, explica como funcionam os sistemas de IA.

● OBRA MAIS ÍNTIMA DE MO YAN, vencedor do Nobel de Literatura 2012, *Mudança* (Ed. Cosac) revisita a própria trajetória do autor chinês.

● AMBIENTADO ENTRE O BRASIL E A ALEMANHA, *SOLO* (Ed. Contracorrente), de Paula Macedo Weiss, discute memória e reparação, ao investigar o colonialismo na Amazônia.

● EXÍLIO GEOGRÁFICO E MATERNIDADE FRUSTRADA DÃO O TOM DE *Ilhas Suspensas* (Companhia das Letras), romance de estreia da psicanalista Fabiane Secches.

● EM *A ILHA DO SILÊNCIO* (ED. FÓSFORO), José Godoy apresenta a ilha Dawson, que abrigou uma missão salesiana na América Latina, sob a ditadura Pinochet.

● NA *TRILHA DOS ORIXÁS* (ED.

BAZAR DO TEMPO), do jornalista e mestre em Antropologia Ernesto Xavier, é essencial para quem quer se informar sobre o tema.

● *PARA NÃO ACABAR TÃO CEDO* (ED. RECORD) é o romance de estreia de Clarice Freire, autora de dois livros best-sellers de poesia visual.

● VENCEDOR DO PRÊMIO CAMINHOS DE LITERATURA, *Gaiolas de Concreto Armado* (Ed. Dublinense), de Paula Novais, acaba de ser lançado em Angola.

● *FIAT LUX*, INSPIRADO EM MEMÓRIAS FAMILIARES da poeta mexicana Paula Abramo, foi lançado no Brasil pela Editora 34, com tradução de Gustavo Pacheco.

● *MÃE POR AMOR* (ED. BESTSELLER), de Fernanda Fabris, criadora do perfil @mae_poramor, com mais de 1,3 milhão de seguidores no Instagram, narra as belezas e as dificuldades do processo de adaptação de cada um dos seus 6 filhos adotivos.

● UM DOS FILÓSOFOS CONTEMPORÂNEOS mais respeitados no mundo, o sul-coreano Byung-Chul Han, autor do best-seller *Sociedade do Cansaço*, acaba de lançar *A Tonalidade do Pensamento*, com tradução de Paulo Verussa para a Editora Crítica.

● A ESCRITORA BETHÂNIA PIRES AMARO, uma das convidadas da programação oficial da Festa Literária Internacional de Paraty 2026, que será realizada de 22 a 26 de julho, está lançando seu primeiro romance: *Ressalga* (ed. Record).

● CLÁSSICO ATEMPORAL SOBRE AS VICISSITUDES DA VIDA, publicado originalmente em 1937, *Ratos e Homens*, do premiado John Steinbeck, ganhou nova tradução de Caetano W. Galindo para o Grupo Editorial Record.

● *TOCA MARIA BETHÂNIA PRA ELA* é o primeiro livro de ficção de Mirella Amorim, uma das sócias da Editora Pitanga.

Humor

Por Jonas Rabinovitch

jonasrabinovitch@gmail.com

ENQUANTO ISSO, NO JARDIM DO ÉDEN...



● O PANO DE FUNDO DE *O TARDIO* (RUA DO SABÃO), novo romance de Maurício Melo Junior, é o Brasil dos anos 1970, período mais duro da ditadura militar.

● FINALISTA DO PRÊMIO JOVENS TALENTOS EM 2025, Gianni Gianni, mediadora cultural pernambucana, lançou *Quem Manda Nesta Casa?* (Ed. PeraBook).

● A POETA LUIZA ROMÃO FAZ UM BOM USO de suas memórias como torcedora no infantil *Ontem Vi Meu Pai Chorar* (Quelônio), o seu primeiro livro para crianças.

● ESCRITO POR LAVÍNIA ROCHA E ILUSTRADO POR LETICIA MORENO, *Molinhas na Cachola* (Yellowfante) traz uma protagonista curiosa, bagunceira e cheia de ideias.

● EM *DO CONFLITO E DO CONVÍVIO* (CEPE), Gabriel Ferreira Gurian recompõe a experiência de invasão e ocupação de territórios das colônias portuguesas pelos holandeses.

● O LINGUISTA AMERICANO GEORGE LAKOFF explica a necessidade de alterar a percepção geral de conceitos para transformar a sociedade no livro *Não Pense Num Elefante* (Fósforo).

● A EXPOSIÇÃO *HABITAR SÃO PAULO: RELATOS FEMININOS*, costurada com fotografias raras e trechos de obras de dez

escritoras, ficará em cartaz na Casa Museu Ema Klabin (Rua Portugal, 43, no Jardim Europa) até o final de setembro.

● ESCRITO PELA CRIADORA DE CONTEÚDO CAMILE PASQUARELLI e ilustrado por Bruna Assis Brasil, *O Mistério da Torta de Jabuticaba* (Leiturinha) ensina a respeitar as diferenças e exercitar a parceria desde cedo na vida.

● COMBINANDO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA RECHEADA DE DEPOIMENTOS, *A Geração Incrível* (Companhia das Letrinhas), novo livro de Jonathan Haidt e Catherine Price, é um guia ousado que convida a explorar uma vida longe das telas e dos smartphones.

● *HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE* (EDIÇÕES SESC, COM 580 PÁGINAS) relata a história de uma América Latina que está unida – para além de sua condição geográfica – por uma frente de luta comum, reunindo vozes de lideranças diversas, como Hugo Chávez, Luiz Inácio Lula da Silva, Néstor e Cristina Kirchner, José Mujica, Evo Morales, entre outros.

● *TEIAS NO CÉU* (ED. PATUÁ), primeiro livro de Thaís Velloso, reverencia canções, cantores e compositores, em crônicas construídas a partir da experiência urbana, principalmente em subúrbios cariocas.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Blusa desbotada

“Aninha adorou as duas blusas grenás que ganhou.”

Não deveria ter gostado tanto. **Grená** é um **adjetivo invariável**, que não se pluraliza.

Frase correta: “Aninha adorou as duas blusas **grená** que ganhou.”

Regência verbal

Alguns verbos possuem mais de uma regência, como, por exemplo, o verbo **custar**:

a - no sentido de ser custoso, ser difícil: é regido pela preposição **a**. Ex.: “Custou ao astrofísico para entender o cálculo da velocidade do cometa e sua órbita.”

b - no sentido de acarretar, exigir, obter por meio de: usa-se sem preposição. Ex.: “O investimento na casa de campo custou-me todas as economias.”

c - no sentido de ter valor de, ter o preço: usa-se sem preposição. Ex.: “Aviões particulares, como jatinhos, **custam** muito caro.”

Sem cor

“Alice comprou três poltronas laranjas.”

Aposto como era de outra cor! As cores que têm nome de **objetos (laranja, gelo, limão, vinho, violeta, rosa)** não vão para o plural, pois são **substantivos adjetivados**, ou seja, derivam de palavras originalmente substantivas, que podem funcionar como **adjetivos** se estiverem qualificando outro substantivo, ficando sempre **invariáveis**.

Frase correta: “Alice comprou três poltronas **laranja**.”

Você precisa saber

Tanto o **molho de tomate** quanto o **molho de chaves** devem ser falados de modoônico fechado (môlho).

Sentando errado

“Maria Clara achou o acento do ônibus muito desconfortável.”

Não poderia ser diferente.

Veja: **Acento** e **assento** são palavras **homônimas imperfeitas**, ou seja, vocábulos com pronúncia igual (**homófonos**), mas com grafia diferente (**heterógrafos**).

Acento – inflexão de voz, sinal gráfico, tom de voz

Assento – base, lugar de sentar-se

Frase correta: “Maria Clara achou o **assento** do ônibus muito desconfortável.”



Aquém de X além de

Mônica quer comprar um móvel, mas não sabe bem como avaliar o bem: “O valor da penteadeira estava **aquém** de seu preço, mas Mônica pagou mesmo assim.”

Veja: **aquém de** = abaixo de, inferior.

“O valor da penteadeira estava **além** de seu preço, mas Mônica pagou mesmo assim.”

Veja: **além de** = acima de, superior.

Esperamos que a próxima compra da Mônica seja bem equilibrada.

Viagem furada

“Lívia adorou a estadia no resort mais caro da região.”

Aposto como a viagem não foi tão boa assim!

Veja: **Estadia** – se aplica para veículos em geral. Ex: como carros num estacionamento.

Estada – se aplica para pessoas: Ex: “É cara a estada nesse hostel?”

Frase correta: “Lívia adorou a **estada** no resort mais caro da região.”

Mau agouro

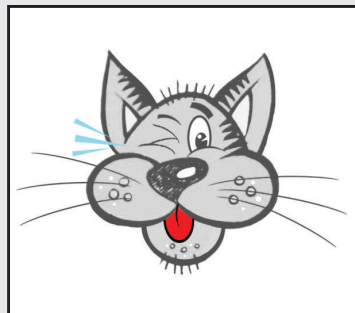
“Lourdes tem medo dos gatos pretos, diz que eles dão asar.”

Azar e **asar** são palavras **parônimas**, ou seja, vocábulos que apresentam semelhança de grafia e pronúncia, mas que diferem no sentido.

Azar – má sorte, casualidade, desgraça

Asar – guarnecer ou dispor de asas

Frase correta: “Lourdes tem medo dos gatos pretos, diz que eles dão **azar**.”



Acabando com a sociedade

“Nelson conseguiu convencer Júlio a entrar de sócio na empresa.”

Essa sociedade não vai perdurar.

Não se deve **entrar de**, mas sim **entrar como**.

Frase correta: “Nelson conseguiu convencer Júlio a **entrar como** sócio na empresa.”

Curiosidade

Você sabe quais são as maiores palavras da língua portuguesa? Não? Ei-las:

1º Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico (46 letras)

Relativo a uma doença pulmonar aguda causada pela aspiração de cinzas vulcânicas.

2º Paraclorobenzilpirrolidinonetilbenzimidazol (43 letras)

Substância presente em medicamentos como o Ultraproct.

3º Piperidinoetoxicarbometoxibenzofenona (37 letras)

Substância presente em medicamentos como o Baralgin.

Gregório de Matos e Thomaz Pinto Brandão

Getúlio Marcos Pereira Neves*

Há meses faleceu em São Paulo o professor João Adolfo Hansen, professor emérito da Universidade de São Paulo, que entre outras contribuições à inteligência brasileira reinterpreto a obra de Gregório de Matos Guerra, poeta seiscentista luso-brasileiro de alcunha o “Boca do inferno”. Hansen interpretou a poesia de Gregório de Matos sem o recurso a anacronismos que a seu ver embaçavam a compreensão da obra, repleta de convenções literárias a exigirem análise, digamos, menos literal.

A Salvador seiscentista onde nasceu Gregório de Matos era à época residência dos Vice-reis. Habitada pelas mais diversas personagens da complexa estrutura social contemporânea, não foram poucos os conterrâneos dignos de excitarem a pena do poeta, como se constata de uma simples consulta à sua vasta obra – uma parte dela organizada e anotada por João Adolfo Hansen.

Mas numa cidade pujante como a Salvador dos seiscentos seria Gregório de Matos o único a praticar o versejar satírico? Consultando há algum tempo, e por conta da minha pesquisa sobre o período, o bom *As amantes de D. João V: Estudos históricos*, de Alberto Pimentel, edição de 1892 da Academia Real das Ciências, deparei-me com um versejador contemporâneo chamado Thomaz Pinto Brandão, conhecido entre nós justamente por sua amizade com

Gregório de Matos, a quem Brandão conhecera durante o período em que o futuro “Boca do inferno” frequentava a Universidade de Coimbra. Levantou Alberto Pimentel ter sido Gregório de Matos quem, perdendo prestígio na corte de Dom Pedro II e resolvendo voltar ao Brasil, convenceu o amigo a vir tentar a sorte por aqui.

Thomaz Pinto Brandão teve vida aventureira e atribulada, conforme narra no seu *Vida e Morte de Thomaz Pinto Brandão, Escrita por Ele Mesmo semivivo*: preso na Bahia por jogo, foi remetido ao Rio de Janeiro, onde, envolvendo-se em disputa amorosa com o valido do governador, acabou preso e enviado para Angola. Lá, estabelecido e feito capitão de infantaria, enamorou-se de uma sobrinha da famosa rainha Ginga, deixando-lhe um filho ao retornar para o Rio de Janeiro. Aqui recebeu mercê do cargo de escrivão de defuntos e ausentes, que por lhe gerar pouca renda abandonou logo depois de se casar, retornando a Lisboa, com a esposa e a sogra, já em 1703.

A exemplo do amigo Gregório de Matos, cujos problemas pessoais são conhecidos, padeceria Brandão nas mãos da sogra, que lhe recriminava fortemente o jeito perdulário que o levaria à ruína. Da sogra, que posteriormente lhe moveria um processo, “Diz Thomaz Pinto Brandão/ bem conhecido na praça/ que é tal a sua desgraça/ que tem por sogra um dragão” (p. 114). A má sorte do poeta levou a que a certa altura sobrevivesse dos favores recebidos na corte de Dom João V, admirador confesso da sua verve satírica.

Da afinidade entre os poetas, diz Alberto Pimentel que “a identidade de veia sarcástica” e a “homogeneidade de destinos” “associaram” os dois, que, cada um do seu jeito, “tanto riram e tanto soffreram” (p. 107-108). De Brandão ficou também o volume de versos *O Pinto Renascido Empenado e Desempenado – Primeiro Voo*, de 1732. À vista dessa afinidade, o cotejo da obra de ambos poderia enriquecer o trabalho de interpretação de Gregório de Matos, tão bem renovado pelo professor João Adolfo Hansen.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

Juízo final e teatro

Por Raquel Naveira*



Baco (c. 1595), de Michelangelo Merisi da Caravaggio. Na mitologia romana, Baco corresponde ao deus grego Dionísio, divindade associada ao vinho, à celebração e aos rituais dos quais surgiram as primeiras manifestações teatrais na Grécia Antiga.

O teatro é uma arte milenar que teve início na Grécia Antiga, em rituais ao deus Dionísio. “Theatron” significa “lugar para ver”, espaço físico onde se encenam histórias trágicas e cômicas e o público se encharca de lágrimas e risos.

O ensaio *O Teatro e a Peste*, de Antonin Artaud (1896-1948), esse influente artista francês, dramaturgo, figura central da vanguarda surrealista, é um dos textos mais viscerais e intensos de sua obra. Artaud compara o teatro à peste, não como algo negativo, mas como força violenta, reveladora, transformadora. Tanto a peste quanto o teatro abalam a sociedade, mostram o que está oculto, desorganizam a ordem aparente, produzem uma catarse radical, purificação de fogo. Os desejos reprimidos são expostos. Há choque, inquietação, confronto com verdades. O teatro, segundo ele, é um ritual que atua nos sentidos, uma experiência limite que penetra o sagrado, uma crise que termina em morte ou cura. Destruídas as ilusões, o ser humano se regenera.

O Juízo Final é o tribunal divino onde o Cristo julgará as nações, os vivos e os mortos, com base nos feitos e na fé. Será um evento teatral, dramático, de prestação de contas: o Grande Trono Branco, a abertura do Livro da Vida, a separação entre vida eterna e castigo eterno. O fim dos tempos, uma ocasião pública de encenação cósmica, multidões convidadas, um palco absoluto sem papéis falsos, com máscaras caídas. Almas nuas. Anjos espalhados em voos rasantes, fora do tempo.

Murilo Mendes (1901-1975), poeta que fundiu o sagrado e o profano em sua poesia de imagens surrealistas, enxerga a arte, assim como Artaud, como crise espiritual, como algo que desperta, o mundo como drama. Artaud tem visão trágica e sem saída do caos. Murilo vê o juízo final como teatro apocalíptico e redentor. Abre-se para o transcendente, para o mistério. No poema *O Juízo Final*, assim Murilo descreve a cena universal:

“As trombetas tocarão.
Os mortos sairão das sepulturas
Os vivos tremerão de medo.
As máscaras cairão dos rostos,
Os gestos inúteis cessarão.
Cada um verá a sua própria face
Diante dos olhos de Deus.
O tempo será recolhido
Como um pano depois do espetáculo.”



Antonin Artaud à esquerda e, à direita, Murilo Mendes.

Reunindo os pensamentos de Antonin Artaud e Murilo Mendes, escrevi o poema *Cortina de Teatro*, pois grande, abissal, é minha sede de teatro e justiça:

Cortina de teatro,
Pesada,
De veludo vermelho,
Se tocamos suas bordas
Sentiremos, ao mesmo tempo,
Ardor de brasas
E frieza de rio que rola,
Vapores,
Mistérios de neblina.
No palco,
A representação do mundo,
As estrelas imperecíveis,
As salamandras e os anjos,
A verdade e o drama,
O choro e a libertação,
O crepitar da chama.

Na plateia,
O espectador se projeta,
Compartilha sentimentos,
Acompanha movimentos,
Expressões de paixão;
Os atores são seres mutantes,
Instáveis,
Enquadrados pela cortina
Incendiada de ouro e platina.
Vem o alívio,
Madeiras mortas
Foram cortadas
E queimam na alma;
Fecha-se a cortina,
Nossos complexos se retorcem
No fogo da faxina.

*Raquel Naveira é membro da Academia Sul-Matogrossense de Letras.

Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



BEATRIZ – UMA EXISTÊNCIA DE MULHER

No romance de bioficção *Beatriz – Uma Existência de Mulher* (Editora Máquina de Livros), a primogênita da protagonista Catarina Setubal de Rezende se debruçou sobre mais de 140 cartas, dezenas de fotos e documentos de época para reconstruir a vida da mãe, que ela perdeu quando tinha 17 anos. Com um enredo envolvente, Catarina acompanha os passos da mãe em paralelo a fatos históricos do Brasil nos anos 1950 e 1960. Com roteiro que percorre São Paulo, Copacabana e Niterói, o romance mostra a

trajetória de Beatriz até sua partida precoce, aos 45 anos e chega aos dias atuais. Catarina usou a Inteligência Artificial para reconstruir os passos da socióloga, colocando o leitor na cena dos acontecimentos. Formada em Letras pelo Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, e frequentando o curso inovador de Sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, Beatriz foi uma jovem engajada no movimento da Juventude Universitária Católica (JUC), mas desejava muito mais, queria liberdade para desbravar as diferenças do país. Catarina Setubal de Rezende é a primogênita de Beatriz. Formada em comunicação social e mestre em literatura brasileira pela PUC/RJ, tem vários livros publicados.

RESSALGA

A premiada Bethânia Pires Amaro estreia no romance com *Ressalga* (Grupo Editorial Record), uma história forte e emocionante sobre memórias de três gerações de mulheres na Bahia que lutam contra heranças de um tempo que não deveria mais existir, experimentando a dissolução das fronteiras entre o corpo e o mundo. Janaína envolve-se num escândalo que a leva a abandonar a cidade e atravessar o sertão. Graça, sua filha, aprende cedo que narrar é também uma forma de sobreviver. Flora, a neta, cresce à sombra das histórias. Percorrendo o Recôncavo até Salvador, seguindo os rios da região, a narrativa fala de ancestralidades, escolhas e possibilidades. A arte de capa é do artista visual baiano Igor Aquino Davi, conhecido como Astronauta de Mármore. Bethânia Pires Amaro nasceu em Recife/PE, em 1988, mas foi criada na Bahia, em Ilhéus e Salvador. Graduada em Direito pela Universidade Federal da Bahia e mestre em Direito do Estado pela Universidade de São Paulo, é escritora, advogada e ministrante de cursos e palestras. Seu primeiro livro, *O Ninho* (Editora Record, 2023), foi vencedor na categoria Contos, dos Prêmios Sesc, APCA e Jabuti. Mora atualmente em São Paulo, onde trabalha na Secretaria Municipal de Educação. *Ressalga* é seu primeiro romance.



CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE

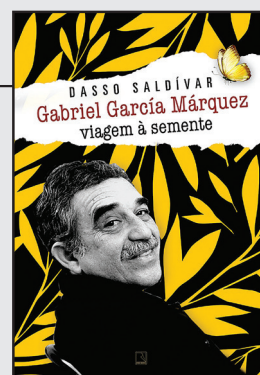
Em *Ciência e Espiritualidade – A Jornada Cristã na Medicina* (Pontes Editores), o médico e historiador Flávio Antonio Quilici discorre sobre a interrelação da ciência e da espiritualidade, desde a Antiguidade Clássica. Com 288 páginas, dividida em 22 capítulos, a obra densa e bem estruturada, com uma narrativa despojada, afirma que foi o medo do ser humano, frente às enfermidades e às dores, que originou o sentimento religioso, na busca da minimização dos males físicos. A atividade médica desenvolveu-se de maneira ora mágica, ora empírica, na Mesopotâmia, Egito, Índia, Grécia e Judeia. Autor de 19 livros, entre eles o premiado *Personagens da História da Medicina – Uma Jornada de Cinco Mil Anos*, Flávio Quilici nasceu em Rio Claro, São Paulo, em 8 de outubro de 1946. Possui graduação em Medicina pela Universidade Estadual de Campinas (1971), mestrado em Ciências Médicas pela Universidade Estadual de Campinas (1986) e doutorado em Ciências da Cirurgia pela Universidade Estadual de Campinas (1988). Possui cinco especializações, segundo as normas da Associação Médica Brasileira (AMB), participa de várias sociedades médicas nacionais, onde teve 21 cargos diretivos, é editor de 14 Revistas Médicas Nacionais indexadas e recebeu inúmeros prêmios. Atualmente é professor não temporário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



ESCUTEM OS AUTISTAS!

Escutem os Autistas!, do francês Jean-Claude Maleval, defende o papel da

psicanálise no conjunto das possibilidades de tratamento do autismo. Com distribuição da Editora Cândida, este é o 10º título publicado no Brasil pela Associação PIPA (e rabiola), entidade sem fins lucrativos que se dedica a pesquisar o tema do autismo. Bartyra Ribeiro de Castro, presidente da Associação e responsável pela tradução de *Escutem os Autistas!*, destaca a contribuição da obra para a orientação do debate público sobre o tratamento do autismo sem considerar a existência de um modelo de terapia único que se sobreponha aos demais: “O livro oferece subsídios preciosos, tanto para o trabalho clínico com autistas de qualquer idade, quanto para a orientação de familiares, para a formação de profissionais da saúde e da educação e, sobretudo, para aqueles que decidiram sustentar uma clínica do autismo orientada pelo discurso psicanalítico.” Catedrático de Psicopatologia da Universidade de Rennes, na França, e autor de vasta obra teórico-clínica sobre o autismo, publicada em livros e revistas especializadas, Jean-Claude Maleval é membro da École de la Cause Freudienne, em Paris, e da Associação Mundial de Psicanálise. Essa obra traz o olhar de um acadêmico respeitado internacionalmente em reação ao tratamento do autismo.



GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: VIAGEM À SEMENTE

O lançamento de *Gabriel García Márquez: Viagem à Semente* (Ed. Record), de Dasso Saldívar, marca o início das comemorações do centenário de nascimento de Gabo, em 2027. Na obra, Saldívar narra com detalhes a trajetória do maior escritor colombiano de todos os tempos. Considerado o mestre do realismo mágico latino-americano, Prêmio Nobel de Literatura, García Márquez é um dos autores mais importantes do século XX. Só no Brasil, já vendeu quase 3 milhões de livros, com obras que foram adaptadas para filmes e minisséries. Com rigor histórico, sensibilidade crítica e fôlego narrativo, a biografia não se inicia com seu nascimento, ela vai além, ao recuar no tempo para narrar a história dos avós maternos e de seus pais. Ao fazê-lo, ficam para trás os limites do relato individual e se estabelece uma verdadeira saga familiar, marcada por guerras civis, amores censurados, deslocamentos e perdas. É desse legado de conflitos, memórias e afetos que emerge o universo simbólico que, mais tarde, se cristalizaria na ficção de García Márquez. Dasso Saldívar nasceu em San Julián, Colômbia, em 1951. Estudou Sociologia e Ciências Políticas na Universidad Complutense de Madrid, cidade onde reside. Como jornalista, escreveu várias críticas literárias para jornais e revistas da Europa e da América.

AOS MEUS VERSOS

A antologia *Aos Meus Versos, Escritos Tão Cedo... Chegará a Sua Hora* (Ed. Pontoedita, 2022), da russa Marina Tsvetáeva (1892–1941), foi lançada no Brasil, em edição bilíngue em primorosa publicação que conta com intervenção poética do cantor e performer São Yantó, capa do artista visual Pedro Monfort e texto inédito de Ariadna Efron, filha de Tsvetáeva, sobre o processo criativo da mãe. A seleção realizada por Verônica Filippovna, doutora em Teoria Literária e pesquisadora de literatura russa na UFRJ, que assina também a tradução e a apresentação do livro, lança mão do rigor acadêmico para expor o público brasileiro a toda a potência criada pela poesia de Tsvetáeva (que conquistou a admiração de nomes como Caetano Veloso e Décio Pignatari). O resultado é uma coletânea breve que consegue apresentar em pouco mais de 60 poemas as várias fases de Tsvetáeva. Poeta e tradutora russa, considerada uma das vozes poéticas mais potentes e relevantes do século XX, Marina Tsvetáeva nasceu em 8 de outubro de 1892, em Moscou. Começou a escrever ainda na adolescência – alguns de seus poemas foram publicados quando ela tinha apenas 16 anos. Ao longo da vida, escreveu poesia, prosa e teatro. Morreu em 1941.



Edgar Morin, o adeus ao grande humanista

Vera Lúcia de Oliveira

Como é fácil falar sobre um escritor como o francês Edgar Morin! Um homem de mil qualidades. Não bastasse a formação acadêmica múltipla de historiador, geógrafo, advogado, filósofo, sociólogo, combateu fortemente o nazismo na França ocupada durante a Segunda Guerra Mundial. Sua obra diversa e extensa atesta o seu humanismo e é referência mundial na educação. Sem contar a lucidez nos mais de cem anos de vida (1921-2026), a doçura de pessoa que é esse ser superior, de bem com a vida, lição para todos nós de saber e temperança, de que andamos tão necessitados.

Para melhor mostrar a formação e o caráter de Morin, escolhamos *Meus Filósofos* (Porto Alegre: Sulina, 2020), obra fundamental para o conhecimento de sua trajetória intelectual, a partir das leituras que lhe influenciaram o pensamento. De Heráclito aos surrealistas do século XX, ele leu tudo e falou sobre todos: Buda, Jesus Cristo, Montaigne, Descartes, Pascal, Espinoza, Rousseau, Hegel, Marx, Heidegger e muitos, muitos outros contemporâneos. Adentrou ainda as searas da psicanálise de Freud e da música de Beethoven. Sem faltar Proust, é claro. E Dostoiévski, paixão desde a juventude.

O primeiro da lista é o pensador grego Heráclito, que disse que nenhum homem bebe água duas vezes no mesmo rio, já que tudo flui, muda, e deixou a lição definitiva da verdade dos opostos. Morin tornou-se heraclítico, pois entendeu que nada explica melhor a natureza humana do que o contraste, o contraditório: “O Bem e o Mal são uma coisa só”, pois têm fonte comum, “O caminho da ascensão e o caminho da queda são o mesmo”, “Acordados, eles dormem”, pois somos 90% comandados por coisas das quais não somos conscientes, antecipando Freud. Verdades contraditórias que nos protegem da visão redutora, lateral e maniqueísta, diz ele. Comprovou essa ideia no Yin e Yang dos sábios chineses do Tao que, diferentemente do mundo ocidental, aceitaram a união dos contrários, o quente e o frio, o masculino e o feminino, a escuridão e a luz.

Com o budismo aprendeu que o mundo é “Samsara”, mundo de aparências em que tudo o que percebemos é ilusão dos nossos sentidos. Morin, no entanto, reflete e diz que essa ilusão é nossa única realidade. Buda, cujo pensamento se opõe ao de Sócrates e de Jesus, cada vez influencia mais o Ocidente com sua experiência subjetiva de busca da paz interior e por responder “ao grande mal-estar de nossa civilização”. Assim, considera-se “neobudista” por partilhar o sentimento de Sidarta pela compaixão e sofrimento, que se estende ao mundo animal. Todos os sofrimentos, não apenas o humano.

Mesmo não se reconhecendo cristão, Morin prefere a mensagem nova – de um Jesus totalmente humano que oferece o perdão ao pecador, perdão que é superior à justiça; ele, que tem da religião o sentimento do “que religa”, sente-se, porém, ligado a todos os homens perdidos na “aventura desconhecida, incerta e misteriosa” da vida. Como Spinoza, que reconduziu a mensagem bíblica a um conteúdo ético, odiou o ódio, desprezou o desprezo, rejeitou tudo o que rejeita; identificou-se com a sua tolerância, seu horror à violência e perseguições. Com Montaigne, cuja leitura o acompanha desde

os quinze anos, aprendeu as contradições essenciais da humanidade e a indagar a si mesmo: “Que sei eu?”, “Quem sou eu?”, numa auto-crítica racional. Montaigne encantou-o também pelo humanismo e compaixão pelos oprimidos, antecipando Lévi-Strauss ao reconhecer o valor de outras civilizações, como a dos gentios e ameríndios, denunciando as barbáries dos conquistadores europeus. E admirou-o pelo profundo pedagogo que foi.

Morin prefere Pascal a Descartes. Vê-se muito próximo ao autor dos *Pensamentos*, incita-o a meditações infinitas. Sobre essa obra inacabada, diz: “Algumas obras são grandiosas porque não foram terminadas”, bela reflexão que, numa pirueta de raciocínio, lembra-nos o que disse Guimarães Rosa sobre o homem em *Grande Sertão: Veredas*: “(...) o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. (...)”. Assim também obras como *Almas Mortas*, de Gógol, e *Bouvard e Pécuchet*, de Flaubert, ficaram inacabadas e se tornaram grandiosas e imortais.

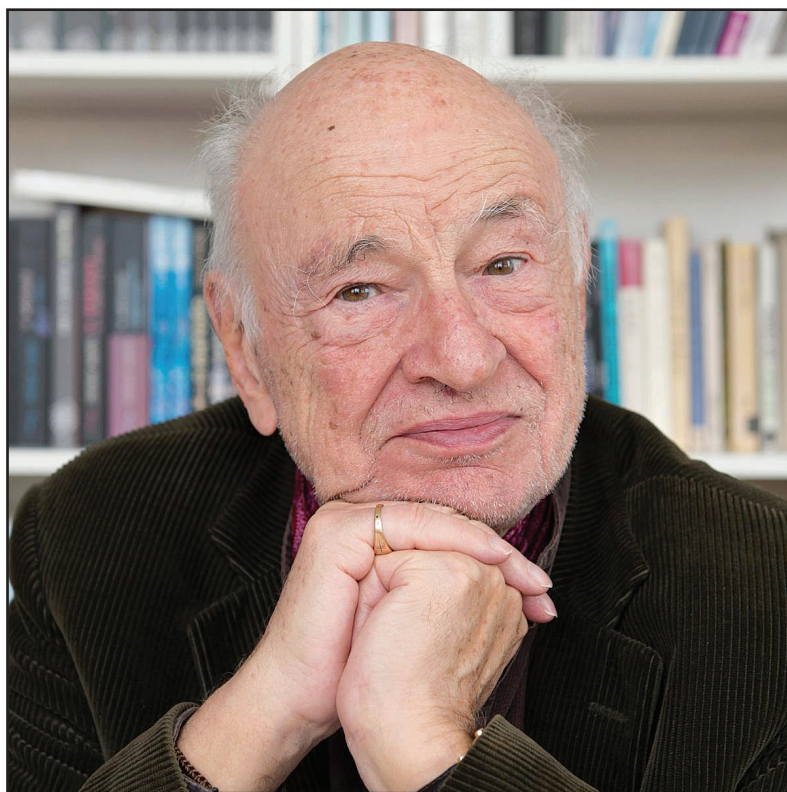
Numa das leituras mais brilhantes, Morin analisa a obra de Marx e separa o joio do trigo: conserva o grande pensador complexo, laico e politizado, e refuta o Marx que não compreendeu que, ao combater os mitos em nome da racionalidade, perdeu-se no mito da luta de classes e da sociedade sem classes, ou seja, substituiu um mito por outro. O que chama a atenção nessa crítica, bem como na de outros pensadores de sua formação, é a serenidade do posicionamento, a coerência e profundidade da argumentação, o respeito e admiração por todos, mesmo quando há divergência de opinião. Mais um exemplo para nós nos tempos bicudos de hoje.

Mas o melhor desse livro vem a seguir: Dostoiévski e Proust. Dostoiévski é para Morin “o mais revelador, o mais presente, o mais íntimo”, aquele que foi o seu primeiro despertar para a Filosofia, para o sentimento de compaixão pelo sofrimento, que o fez ver que a razão e a loucura estão intimamente associadas, que o ajudou “a compreender que podemos ser possuídos pelos mitos, pelas ideias,

pelas ideologias, bem como por seres reais, por demônios.” Foi com ele que pôde conhecer o insondável mistério dos seres humanos e da vida, a virtude dos excluídos e dos malditos, a possibilidade sempre aberta do resgate e da redenção, como afirmou, com a sensibilidade dos homens bons e justos. E Proust encantou-o com a sua frase longa que revela as possibilidades da linguagem com desdobramentos, simultaneidades, desordenamentos, sem perder jamais o fio da meada, com a extrema precisão da palavra, assim como revela compreensão à complexidade humana. Pois é disso que trata *Meus Filósofos*: da contradição que é também complementaridade, marca da natureza do homem.

Sem adentrar a análise das escolas modernas de filosofia, seguimos até Beethoven, cuja *Sinfonia Pastoral* levou-o a regiões insondáveis e o fez assistir ao “estouro do Big Bang com um martelamento gigantesco, uma formidável criação do mundo. Era a gênese, o nascimento do cosmo em meio ao caos, com tudo o que isso comporta de energia colossal, e que lança, em seguida a aventura da vida com alternância de ternura, doçura, violência, loucura, recomeço. Pela primeira e única vez em minha vida, meus cabelos se eriçaram”. Ele tinha quinze anos. E numa admiração que seguiria por toda a vida, viu na música do gênio o sofrimento, o infortúnio e também a alegria avassaladora. Viu também ética. Dele, guardou a frase: “Eu me inclino apenas diante da bondade.”

Assim, esse livro rico, despretensioso, nos ensina muito, nos fala das experiências de leitura desse humanista que nasceu há cem anos, em 1921, e que sempre se encantou “diante de uma flor, de um pássaro, de um pôr do sol, diante do mar, de uma paisagem, no amor, na amizade, na fraternidade”.



Edgar Morin.

Eu chorei rios: arte dos povos originários da América

Por Manoela Ferrari



Obra de Octavio Cardoso: Moema (2017).

Oitavo projeto expositivo realizado pela Fundação Getúlio Vargas Arte desde a sua inauguração, em 2023, a mostra *Eu chorei rios: arte dos povos originários da América* merece ser visitado. Com curadoria de Glicéria Tupinambá e Paulo Herkenhoff, a exposição inédita reúne artistas de diferentes territórios da América Latina, apresentando um conjunto heterogêneo de produções.

Com nomes como Ailton Krenak, Claudia Andujar, Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Djanira, Gustavo Caboco, Jaider Esbell, Lastenia Canayo, Keyla Sobral, Lygia Pape, Mestre Valentim e Xadalu Tupã Jekupé, a mostra propõe uma leitura ampliada da arte latino-americana, a partir de modos de existência e repertórios estéticos diversos. A noção de território atravessa o projeto não apenas como tema: pinturas, fotografias, esculturas, objetos, mantos, instalações e artefatos históricos compõem um panorama plural de linguagens e cosmologias, reunindo criações de diversos povos originários, configurando a exposição como um espaço de demarcação simbólica, em que a arte atua como prática de inscrição e reivindicação.

Obras contemporâneas convivem com peças históricas, artefatos, registros fotográficos e produções audiovisuais, evidenciando tanto a persistência quanto os conflitos em torno das imagens indígenas.

A mostra se expande para além do espaço expositivo, ocupando a fachada e a esplanada da FGV, com intervenções que ampliam a experiência do público. Entre elas, a pintura de Xadalu Tupã Jekupé, um jardim circular concebido especialmente para a ocasião e a presença de obras que ativam o espaço externo como campo sensorial. A instalação de Jaider Esbell atua como um gesto de acolhimento, intro-



Lastenia Canayo García Peconqueña, foto Pat Kilgore.

“O que eu faço é convidar as pessoas a sentirem. Rezar não dói, cantar não dói, dançar não dói. É uma forma de tirar o manto da vitrine e colocá-lo em movimento no corpo e no mundo.”

Ao deslocar o manto de sua condição museológica, o gesto reinsere essa forma em um circuito vivo, abrindo novas possibilidades de percepção e relação. “Eu chorei rios” contribui para reconfigurar os próprios termos de visibilidade das produções indígenas.

A FGV Arte reafirma seu compromisso com a formação de público e a democratização do acesso à arte e à cultura por meio de um programa educativo e acadêmico estruturado. Ao longo da exposição, a instituição receberá mais de 100 escolas e cerca de 5 mil estudantes da rede pública de ensino em visitas mediadas, promovendo experiências qualificadas de aproximação com a arte.

Eu chorei rios: arte dos povos originários da América ficará em cartaz até o dia 20 de setembro. O endereço da FGV Arte é Praia de Botafogo, nº 186, Botafogo. Horários de funcionamento: de terça a sexta, das 10h às 20h. Sábados e domingos, das 10h às 18h. A entrada é gratuita.



Manto Tupinambá, foto Lucena-de-Lucena.



Daiara Tukano e Almeida & Dale, foto Ana Pigosso.

Milton Hatoum e a consagração da memória: a Amazônia chega à ABL

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Milton Hatoum: a voz da memória, entre rios e palavras.

Eleito para a cadeira nº 6 da Academia Brasileira de Letras (ABL), cujo patrono é o poeta romântico Casimiro de Abreu, Milton Hatoum passa a integrar uma das linhagens mais simbólicas da instituição – aquela em que a memória, o lirismo e a identidade brasileira se entrelaçam como matéria literária. Ao suceder o saudoso escritor e jornalista Cícero Sandroni, falecido em junho de 2025, Hatoum não apenas ocupa um lugar institucional de prestígio, mas reafirma a permanência de uma obra que há décadas se impõe como uma das mais densas e refinadas da literatura contemporânea brasileira.

A escolha não surpreendeu o meio literário. A eleição de Hatoum representa mais do que o reconhecimento de uma trajetória consolidada: ela projeta, para o centro do cânone, uma escrita que se constrói a partir das margens – geográficas, afetivas e históricas. Nascido em Manaus, no coração da Amazônia, em 19 de agosto de 1952, o autor transformou a região em território literário universal, distanciando-se de exotismos fáceis para construir narrativas em que o tempo, a memória e os conflitos familiares assumem protagonismo absoluto.

Ao longo de sua carreira, com sete romances publicados, Milton Hatoum desenvolveu uma prosa marcada pela contenção e pela precisão, em que cada palavra parece cuidadosamente escolhida para sustentar uma arquitetura narrativa de grande densidade emocional. Seus romances são atravessados por temas como o exílio – não apenas físico, mas também íntimo –, a fragmentação das relações familiares, a herança cultural e os silêncios que atravessam gerações.

Seu romance de estreia, o premiado *Relato de um Certo Oriente* (1989), publicado pela Companhia das Letras, já revelava uma voz singular, ao articular múltiplas perspectivas narrativas em torno de uma família de origem libanesa instalada em Manaus. A obra foi recebida com entusiasmo pela crítica (ganhador do Prêmio Jabuti de melhor romance) e inaugurou uma trajetória literária marcada pela consistência estética. Obra-prima da literatura brasileira, amplamente reconhecida por sua profundidade e complexidade, o livro se tornou um clássico da literatura brasileira e continua a ser apreciado por sua análise perspicaz das relações familiares e da formação da identidade em um contexto multicultural.

Em *Dois Irmãos* (2000), também pela Companhia das Letras,

Hatoum alcança um de seus pontos mais altos ao narrar o drama de uma família dilacerada pela rivalidade entre irmãos gêmeos. O romance, amplamente reconhecido como um clássico contemporâneo, também recebeu o Prêmio Jabuti e foi posteriormente adaptado para diferentes linguagens, ampliando ainda mais a visibilidade. A narrativa não dispõe de uma cronologia linear e apresenta avanços e recuos no tempo. Assim, as situações vão sendo reveladas ao leitor conforme a memória do narrador. Além de contar a história dos protagonistas, outra questão bastante explorada é a vida social brasileira.

Em *Cinzas do Norte* (Companhia das Letras, 2005), igualmente vencedor do Prêmio Jabuti (além do *Oceanos* – Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa), o autor aprofunda sua investigação sobre as tensões políticas e afetivas do Brasil, explorando o impacto da ditadura militar na formação subjetiva de seus personagens. Trata-se de um romance em que o ambiente histórico não é pano de fundo, mas elemento estruturante da narrativa.

Na sequência, Hatoum publicou *Órfãos do Eldorado* (2008), uma novela que retoma elementos míticos da Amazônia, combinando oralidade e lirismo em uma narrativa de forte carga simbólica.

Mais recentemente, o autor se dedicou a um projeto de fôlego, com a trilogia intitulada *O Lugar Mais Sombrio*. Os romances entrelaçam o endurecimento do regime da ditadura militar no Brasil com a formação de um grupo de jovens em busca de liberdade: *A Noite da Espera* (2017), *Pontos de Fuga* (2019) e *Dança de Enganos* (2025). Nesse conjunto, Hatoum amplia sua reflexão sobre o exílio e a repressão política, deslocando parte da narrativa para fora do Brasil e aprofundando o diálogo entre memória individual e história coletiva.

Os livros do novo acadêmico já venderam mais de 400 mil exemplares no Brasil e foram traduzidos em dezessete países, como Itália, Estados Unidos, França e Espanha, entre outros.

Em 2018, o amazonense recebeu o Prêmio Roger Callois (*Maison de l'Amérique Latine*/PEN Club-França). Em 2023, foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Amazonas. Ao comentar sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, Hatoum sintetizou, com a sobriedade que marca sua obra, o sentido de sua trajetória: “Escrevo para compreender o que permanece e o que se perde. A literatura é uma forma de escutar o tempo – inclusive aquilo que ele tenta apagar.”

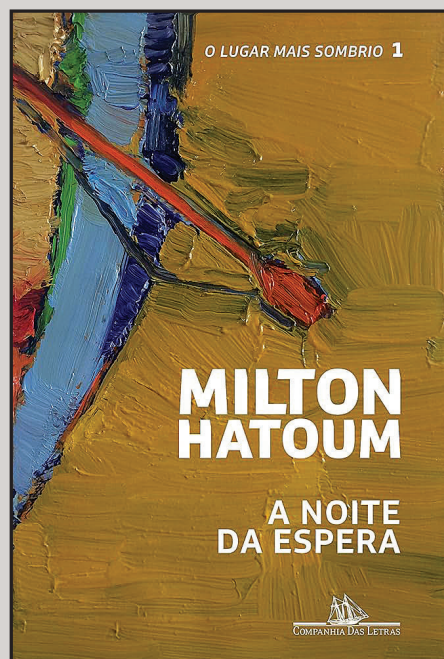
A chegada do autor à ABL também foi destacada pela presidência da instituição como um momento de renovação qualificada. Em declaração oficial, o presidente da Academia Merval Pereira afirmou “A eleição de



Relato de um Certo Oriente, Prêmio Jabuti de Melhor Romance em 1990.



Onze anos depois da publicação de *Relato de um Certo Oriente*, *Dois Irmãos* é a história de como se constroem as relações de identidade e diferença numa família em crise. Preservando a força narrativa de Hatoum, Fábio Moon e Gabriel Bá adaptaram o romance *Dois Irmãos* para história em quadrinhos. O romance também virou minissérie para TV com roteiro escrito por Maria Camargo e direção geral e artística de Luiz Fernando Carvalho.



Primeiro volume da série *O Lugar Mais Sombrio*, *A Noite da Espera* retrata a formação sentimental, política e cultural de um grupo de jovens na Brasília dos anos 1960 e 1970.

em seus livros, uma recusa deliberada do excesso, uma contenção que intensifica o impacto emocional e amplia a densidade simbólica de cada narrativa.

Milton Hatoum pertence a uma tradição de escritores que compreendem a literatura como forma de conhecimento – não apenas do mundo, mas daquilo que, no mundo, permanece indecifrável. Sua obra é, nesse sentido, um exercício contínuo de escuta: dos afetos, das ausências, das vozes que resistem ao apagamento.

Sua eleição para a Academia Brasileira de Letras consagra uma trajetória que nunca se afastou do rigor estético nem da complexidade temática. Ao ocupar uma cadeira historicamente associada à memória e ao lirismo, Hatoum reafirma que a literatura brasileira contemporânea segue viva, pulsante e capaz de reinventar suas próprias tradições.

Biografia

Filho de imigrantes libaneses, o amazonense cresceu entre línguas, culturas e paisagens que mais tarde se transformariam em matéria essencial de sua obra literária. Aos quinze anos, mudou-se para Brasília. Anos mais tarde, foi preso por participar de uma passeata contra o governo. Em 1970, foi morar em São Paulo, onde ingressou, em 1972, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Lá, foi perseguido por participar do movimento estu-

dantil. Em 1978, passou a lecionar História da Arquitetura na Universidade de Taubaté, onde permaneceu até pedir o afastamento por ganhar uma bolsa de estudos para a Europa. Em 1980, viajou para a Espanha como bolsista do Instituto Iberoamericano de Cooperación. Logo depois, mudou-se para a França, onde cursou pós-graduação na Universidade de Paris III.

Carreira

Em 1984, retornou a Manaus, onde passou a lecionar língua e Literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas. O premiado *Relato de um Certo Oriente* foi publicado em 1989, quando ele tinha 37 anos.

Em 1999, mudou-se para São Paulo, onde iniciou o doutorado em Teoria Literária na USP. Em 2000, desligou-se da Universidade Federal do Amazonas e do programa de Pós-graduação da USP para se dedicar exclusivamente à literatura. Hatoum foi colunista, entre outras publicações, do jornal *O Globo* e do jornal *O Estado de São Paulo*. Vem publicando, também, em

jornais e revistas brasileiras e estrangeiras e dando cursos e palestras em escolas, universidades e instituições.

Em 2015, *Órfãos do Eldorado* estreou nos cinemas, com direção de Guilherme Coelho. No mesmo ano, foi lançada a adaptação em quadrinhos de *Dois Irmãos*, feita pelos irmãos Gabriel Bá e Fábio Moon. A história em quadrinho foi publicada em vários países e foi vencedora do prestigioso Prêmio Eisner, na categoria “Best Adaptation from Another Medium”.

Em janeiro de 2017, *Dois Irmãos* estreou em formato de minissérie na TV Globo, com direção de Luiz Fernando Carvalho e com o ator Cauã Reymond no papel dos irmãos gêmeos radicados em Manaus.

Em 2023, foi a vez de *O Rio do Desejo*, uma adaptação do conto *O Adeus ao Comandante*, com direção de Sergio Machado. Já em 2024, estreou a adaptação de *Relato de um Certo Oriente* para o cinema, com a direção de Marcelo Gomes.

Em agosto de 2025, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. O escritor tomou posse no dia 24 de abril de 2026. Ao ingressar na ABL, leva consigo essa rara capacidade de fazer da literatura um espaço de permanência. Em um mundo cada vez mais veloz, sua escrita resiste – silenciosa, densa e necessária – como quem insiste em lembrar que há histórias que só o tempo é capaz de revelar. Sua presença na instituição reafirma uma tradição literária que valoriza a profundidade, a sensibilidade e o compromisso com a linguagem. E, assim, entre rios de memória e palavras que resistem ao tempo, sua escrita segue como um farol silencioso iluminando as margens da existência.



O escritor e acadêmico Milton Hatoum exhibe o diploma recebido durante sua cerimônia de posse na Academia Brasileira de Letras.

Temas sensíveis e uma boa novidade!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Acompanhei o evento “*livro é companhia no rio*”, dando início às comemorações dos 40 anos da Companhia das Letras. O encontro foi no Museu do Amanhã e recebeu o músico e escritor Emicida, a navegadora e escritora Tamara Klink e o ator e escritor Gregorio Duvivier.



A apresentação de Emicida.

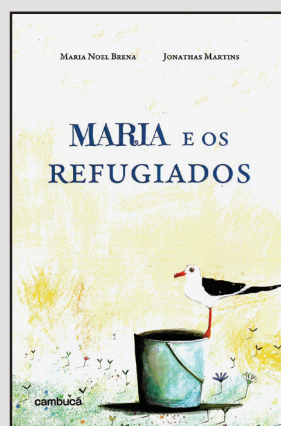
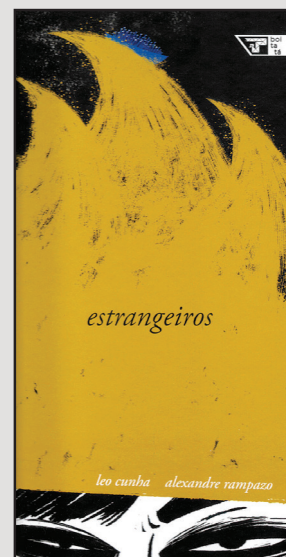
Assisti a apresentação dedicada à literatura infantil, onde Emicida desenvolveu o tema: *Ler para o futuro: Literatura infantil e pertencimento*, apresentando obras destinadas à garotada, lançadas pela Companhia das Letrinhas. Escritas por Esther Duflo – premiada em 2019 com o Nobel de Economia – ilustradas de forma divertida por Cheyenne Olivier, com tradução de Mariana Delfini, os textos receberam intervenções especiais de Emicida, como um convite à reflexão sobre graves problemas sociais, como a pobreza, os preconceitos, o etarismo, a falta de oportunidade de trabalho e a importância do empreendedorismo.



Conta Comigo – Na comunidade onde o menino Bibir mora, há uma senhora solitária e misteriosa chamada Konwu. Eles se conhecem no dia em que o casebre dela desaba. Bibir a ajuda e, em troca, ela conta histórias que transformam o seu jeito de ver a vida.

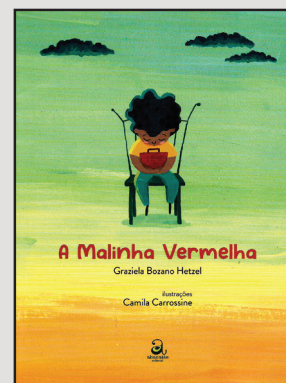
Volta por Cima – Imeuni é uma jovem cheia de vontade de estudar e trabalhar, mas ela não tem dinheiro e não sabe por onde começar. Será que ela vai conseguir ajuda?

Estrangeiros – (Boitatá) Leo Cunha tem um jeito muito especial para contar histórias. Possui uma incrível facilidade para transformar um tema às vezes árduo em uma fábula acessível para as crianças. Assim acontece com *Estrangeiros*. Nada é omitido, a própria tragédia dos imigrantes está ali revelada. Mas a mudança do ponto de vista é genial. As ilustrações de Alexandre Rampazo criam o clima necessário e impactante para a percepção da história. Uma bela edição em capa dura.



Maria e os Refugiados – (Cambucá) Um realismo mágico que transforma fugitivos de outras terras em peixes, salvos por uma gaivota e entregues a uma menina solitária, que só convive com adultos na família e que se refugia no quintal, com árvores, sombra e grama. Na verdade, ela também é uma refugiada, onde apenas recebe ordens e o afeto não é aparente. Maria Noel Brena estreia na literatura infantil com firmeza e pela porta da frente! As metáforas proporcionam inúmeras divagações sobre esses peixes que agora se apresentam como pessoas e pedem ajuda à menina. As ilustrações são de Jonatham Martins.

A Malinha Vermelha – (Abacatte) Mais uma contadora de histórias que conhece a sutileza das narrativas para crianças. Graziela Bozano Hetzel recebeu o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil com o livro *A Cristaleira* (Manati), ilustrado por Roger Mello. A conheci quando lançou *Tem um Leão na Minha Casa* (Record). Desde então, as belas obras se sucederam. O pequeno menino da malinha vermelha carrega ali o seu apoio para as dificuldades ao sofrer com o preconceito que enfrenta na escola. Criado por dois pais, repletos de amor por ele, a família diferente é criticada e é a própria escola que atua para que o amor seja respeitado. As ilustrações são de Camila Carrosine. Cada um de nós tem a sua malinha, de várias cores e com várias histórias.



A Concha Me Contou – (Caxinguelê) Uma nova editora que surge voltada para o público infantil e que já demonstra o cuidado e a qualidade dos novos títulos. O autor espanhol Adrián Yeste, radicado na Argentina, sempre gostou de contos fantásticos e histórias divertidas. Este livro apresenta histórias encadeadas, com os personagens se conectando sequencialmente, em divertidas situações. As ilustrações de Gina Garcia acompanham a diversão. A tradução é de Guilherme Semionato. Uma cuidadosa edição em capa dura. Bem-vinda, Caxinguelê!



BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

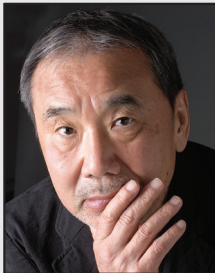


EMMANUEL CARRÈRE

(Paris, 9 de dezembro de 1957) Escritor, roteirista e realizador francês, diplomado pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris. É filho

de Louis Édouard Carrère e da soviétóloga da Academia Francesa, Hélène Carrère d'Encausse. Tem duas irmãs, Nathalie Carrère e Marinha Carrère d'Encausse, e é primo do filósofo François Zourabichvili. Seu avô materno era um imigrante georgiano. Passou dois anos em Surubaia, na Indonésia (1980 a 1982), para o serviço nacional de cooperação, ensinando principalmente francês. Nunca foi indicado ao Goucourt, prêmio literário máximo da França, motivo pelo qual é constantemente alvo de polêmicas na imprensa francesa. Obras publicadas no Brasil: *O Adversário*, Record, 2007; *Um Romance Russo*, Alfaguara, 2008; *Outras Vidas que Não a Minha*, Alfaguara, 2010; *Limonov*, Alfaguara, 2013; *Eu Estou Vivo e Vocês Estão Mortos: A Vida de Philip K. Dick*, Aleph, 2016; *O Reino*, Alfaguara, 2016. Filmografia: 1998: *La Classe de neige de Claude Miller*, adaptação da novela do mesmo título. Prêmio especial do júri do Festival de Cannes; 1999: *Angel*; 2002: *L'Adversaire*. Prêmios literários: 1984: Prêmio Passion por Bravoure; 1995: Prêmio Femina por *La Classe de Neige*; 2010: Grande Prêmio de Literatura Henri-Gal pelo conjunto de sua obra; 2011: Prêmio da Língua Francesa; 2018: Prêmio da Biblioteca Nacional da França.

acervo JL



HARUKI MURAKAMI

(Kyoto, Japão, em 12 de janeiro de 1949) Escritor e tradutor japonês. Seus livros são sucesso de vendas, tanto no Japão, quanto internacionalmente. Sua

obra foi traduzida para mais de 50 idiomas. Seu trabalho recebeu inúmeros prêmios, incluindo o World Fantasy Award, o Frank O'Connor International Short Story Award, o Prêmio Franz Kafka e o Prêmio Jerusalém. Seus trabalhos mais conhecidos são *Caçando Carneiros*, *Norwegian Wood*, *Crônica do Pássaro de Corda*, *Kafka à Beira-Mar* e *1Q84*. Ele também traduziu do inglês para o japonês obras de outros escritores, como Raymond Carver e J.D. Salinger. Suas obras, que comumente são criticadas pelo *establishment* literário do Japão como não japonesas, foram influenciadas por escritores ocidentais, de Chandler a Vonnegut. Suas obras são frequentemente surrealistas, melancólicas e fatalistas, marcada por um estilo kafkiano com "temas recorrentes como alienação e solidão". Apesar de nascido em Kyoto, passou a maior parte de sua juventude em Shukugawa (Nishinomiya), Ashiya e Kobe. Frequentou a Universidade de Waseda, em Tóquio, antes de terminar o curso de teatro, abriu um bar de jazz chamado Peter Cat, à frente do qual se manteve entre 1974 e 1982. É aficionado em esportes de resistência. No dia 23 de junho de 1996, completou sua primeira ultramaratona, uma corrida de 100 quilômetros ao redor do lago Saroma em Hokkaido, Japão. Aborda sua relação com o esporte no livro *Do que Eu Falo Quando Eu Falo de Corrida* (2008).

acervo JL



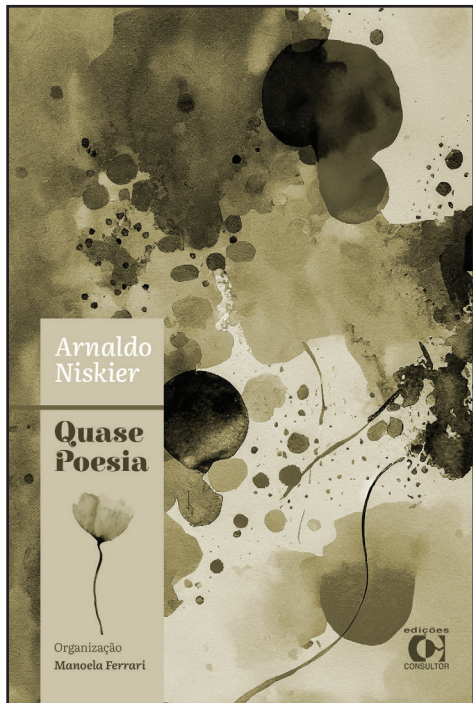
MATT HAIG

(Sheffield, Inglaterra, 3 de julho de 1975) Romancista e jornalista inglês. Ele escreveu livros de ficção e não ficção para crianças e adultos. É um autor best-seller internacional com livros publi-

cados em mais de 30 idiomas. Estudou Inglês e História na Universidade de Hull. Começou a sua carreira como jornalista, tendo colaborado com conceituadas publicações britânicas. Iniciou sua carreira como escritor de ficção em 2004. É casado com Andrea Semple e reside em Brighton, Sussex. Alguns de seus trabalhos – especialmente parte dos livros de não ficção – são inspirados no colapso mental que sofreu quando tinha 24 anos. Obras: *How Come You Don't Have an E-Strategy* (2002); *Brand Failures* (2003); *The Last Family in England* (2004); *Brand Royalty* (2004); *Runaway Troll* (2008); *Sociedade dos Pais Mortos* (Record, 2011); *Brand Success* (2011); *A Possessão do Sr. Cave* (Record, 2012); *Floresta Sombria* (Record, 2013); *To Be a Cat* (2013); *Echo Boy* (2014); *Os Humanos* (Jangada, 2016); *Como Parar o Tempo* (HarperCollins, 2017); *Razões para Continuar Vivo* (Intrínseca, 2017); *Observações sobre um Planeta Nervoso* (Intrínseca, 2020); *Evie in the Jungle* (2020); *O Livro do Conforto* (Intrínseca, 2021); *A Vida Impossível* (Bertrand, 2024); *Os Radleys* (Record, 2025); *O Trem da Meia-noite* (Bertrand, 2026).

Educador Arnaldo Niskier e a poesia

Por Carlos Nejar*



Octavio Paz observou, que a "a poesia não é sentida, se diz. Ou melhor, a maneira própria de sentir a poesia é dizê-la". E Arnaldo Niskier, como os gregos, reconhece o poder mágico das musas e sabe dizer quando é o sonho que explica.

E o seu "quase" na modéstia, quando diz sentir, expressa na sensibilidade da inteligência a precisão da palavra, buscando educar a alma. Pois, Arnaldo Niskier, além de eminente educador, é imortal da Casa de Machado e da Academia Carioca de Letras, não se contentando em ensinar, mas de viver dizendo que a vocação da palavra não se exaure no educador, quer e vai em voo atrás da "luz na miragem e vive ao sol de alguma estrela". E não só. Cultiva o amor

a Ruth, sua família, os netos, as bisnetas, o esportista que foi e seu clube, o América.

Sua poesia é simples como a água que corre e não esquece de amadurecer com "a felicidade que nos convence a continuar". Ao bendizer a luz, bendiz a vida.

O crítico que se debruçou sobre Machado de Assis é o jornalista que mantém, perseverante, além das vicissitudes, o JORNAL DE LETRAS, como voz que não se cala, sob o gosto de conquistada paz. E se a imagem se justifica no mistério, sua poesia revela o assombro diante do cotidiano, não se arredando de procurar o sentido das coisas e do mundo.

O poema que se segue foi escolhido pelo próprio autor e faz parte do livro *Quase Poesia*, (Edições Consultor), uma coletânea de poemas inéditos do jornalista e escritor, o

acadêmico Arnaldo Niskier, escritos ao longo dos últimos anos, lançado em comemoração de seus 90 anos.

*Carlos Nejar é escritor e membro da Academia Brasileira de Letras.

Itinerário

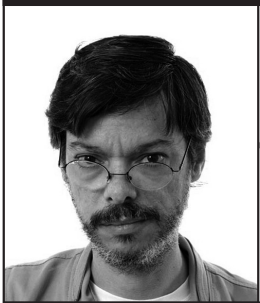
31 de agosto de 1999

Amei-te o quanto a alguém se pode amar,
Sabendo que te amar é minha sina,
Sabendo que és a chama que ilumina
Os caminhos que eu ando a palmilhar.

Das graças que esta vida me destina
Tu participas hoje, como outrora,
E como ontem te amei, eu te amo agora,
Neste passo em que a vida já declina...

Dias, meses e anos... Barra afora,
Segue o Tempo o seu longo itinerário,
Eu sigo o meu, te amando hora por hora.

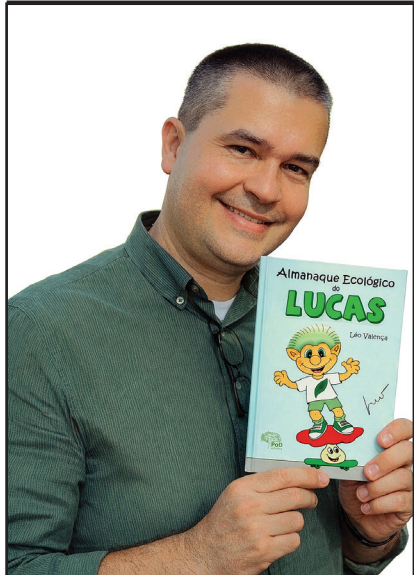
Antes te amei em teus sorrisos francos,
E na incerteza deste mundo vário,
Amo-te agora em teus cabelos brancos...



Por Zé Roberto



zerobertograuna@gmail.com



Léo Valença e um de seus livros.

LÉO VALENÇA: ARTE E MILITÂNCIA ECOLÓGICA

Ativista ambiental por vocação, Leonardo Valença Fernandes, o Léo Valença, é um cartunista carioca formado em Publicidade e Propaganda pela ETEC – Escola Técnica de Comunicação, em 2002. Nascido no dia 12 de agosto de 1974, passou pelos cursos de desenho do Senac, quando teve seus primeiros contatos com a linguagem do humor gráfico e as histórias em quadrinhos, estilos de artes que passaram a ser ferramentas para seus projetos ecológicos.

Em 2010, Léo Valença atuou na curadoria do livro *Aquecimento Global em Cartuns*, coletânea que reuniu os traços de 25 desenhistas de humor brasileiros sobre as mudanças climáticas e suas consequências; obra que apresenta os desenhos de artistas como Da Costa, J. Bosco, Waldez, Jota A, Bira Dantas, Rampazzo, Edra e outros. Depois, em 2012, surge o *Almanaque Ecológico do Lucas*, personagem criado por Léo para entreter e educar as crianças. Lucas é, na verdade, um duende preocupado com a natureza e as ações predatórias do homem sobre o planeta. Nesta obra, o desenhista apresenta textos em linguagem didática, com páginas recheadas de ilustrações e passatempos educativos que ensinam a preservar a natureza. Cinco anos depois, Léo Valença lança uma sequência da obra anterior: *Passatempos Ecológicos do Lucas*, almanaque de quadrinhos, repleto de entretenimentos e jogos educativos que ajudam a reforçar as práticas sustentáveis.

Especialmente sobre o duende Lucas, o cartunista nos explica como criou o personagem: “Pensei em aliar o meu ativismo ambiental decorrente da minha associação ao Greenpeace e ao WWF Brasil com a minha prática profissional como ilustrador e cartunista. Daí surgiu a ideia de criar um duende ecológico e sustentável que trouxesse a importância da sensibilização e da reeducação, começando por nossas crianças. Idealizei um personagem que pudesse se dirigir diretamente às crianças e jovens e, a partir daí, também chamar a atenção dos adultos. O humor gráfico é uma ferramenta eficaz para abordar a ecologia, utilizando a sátira e a irreverência para sensibilizar o público sobre questões ambientais. Por meio de charges, cartuns e tirinhas, ele desmistifica conceitos complexos e promove a reflexão crítica, engajando as pessoas de forma acessível e impactante. Considero um tema bastante relevante para ser abordado atualmente pelos profissionais do traço”, conclui Valença, que, para uma aproximação mais abrangente do personagem com o público, criou o



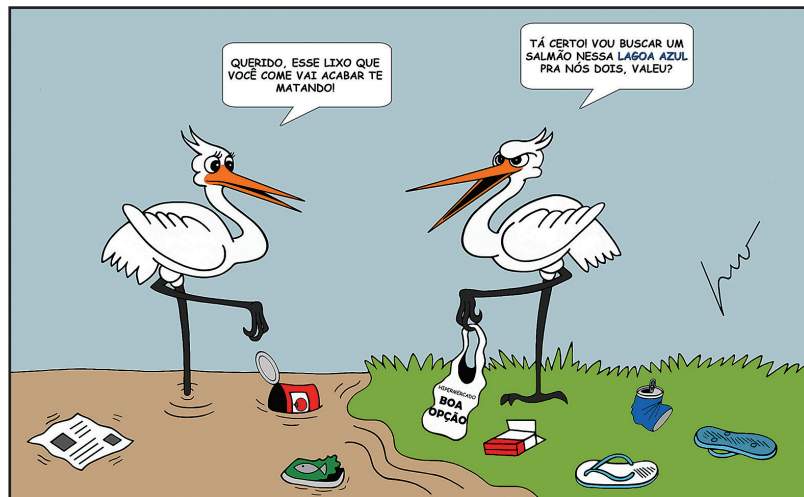
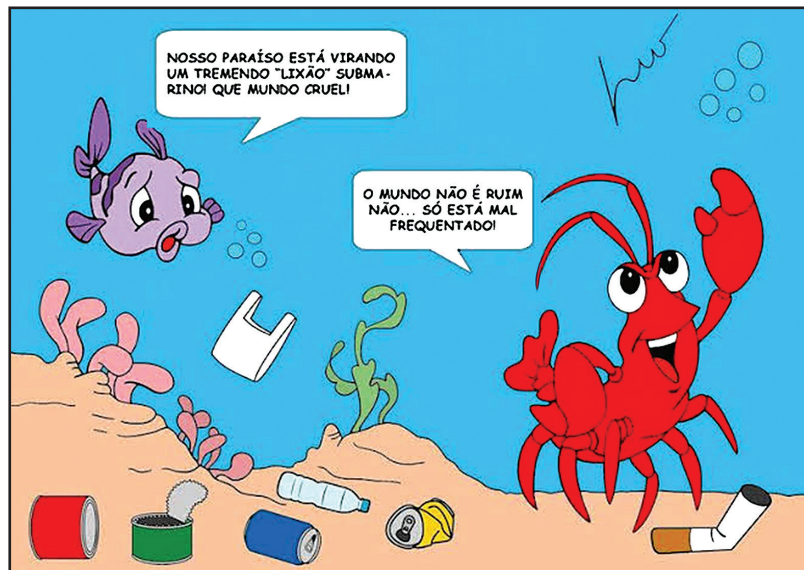
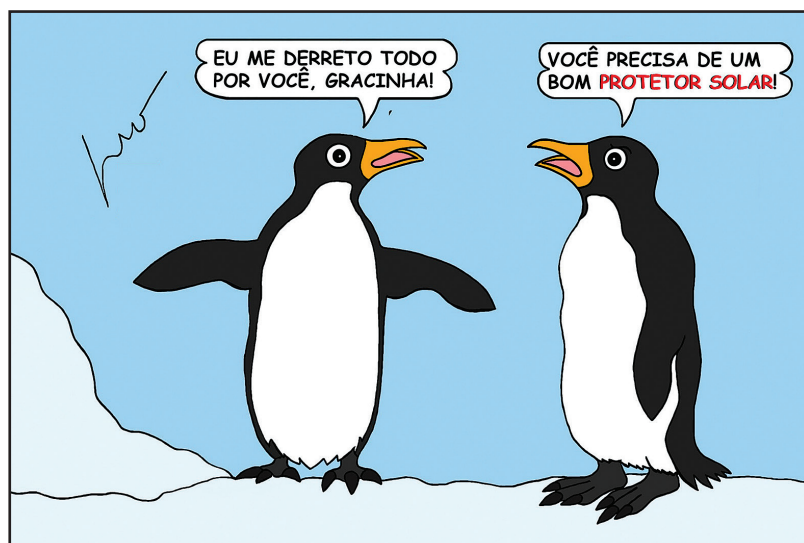
site www.duendelucas.com.br/. Os três livros mencionados foram lançados pela editora Pod – Print On Demand, que vende obras literárias sob demanda no site da editora: podeditora.com.br/.

Ainda em 2012, o cartunista marcou importante presença na primeira edição do festival do Green Nation, após o surgimento do movimento em 2011, evento que serviu como preparativos para o Rio de Janeiro, quando da realização da conferência Rio+20. Na oportunidade, Léo Valença organizou uma mostra virtual com as participações de vários artistas do traço entre cartunistas e ilustradores.

No momento, o desenhista está participando do movimento Arte pela Paz, que reúne desenhos e pinturas de artistas de várias partes do mundo. Em 2026, o ato tem como tema “Nossa Casa Comum”, inspirado pela reflexão de Martin Luther King Jr, de que a humanidade herdou uma “casa grande” onde todos devem viver juntos, independente de etnia, cultura ou credo. O projeto faz parte do coletivo Fora da Caixa (app.foradacaixacoletivo.com.br/) que promove ações e campanhas humanitárias com participações de diversas categorias. Na arte enviada por Léo Valença, o ilustrador criou um cartum, na qual animais aquáticos sofrem com a poluição dos oceanos.

Para acompanhar as atividades do artista e ativista ecológico, além dos sites divulgados acima, Léo Valença pode ser visitado nas redes sociais, no Instagram e Facebook, nos perfis @leovalencarj e facebook.com/leovalencarj, respectivamente.

Saúde e Arte!



No centenário de Carlos Heitor Cony

Por Edmilson Caminha

Em 2026, comemora-se o centenário do nascimento de Carlos Heitor Cony. Jornalista consagrado, autor de romances famosos, era também, um grande frasista, irreverente e provocador: “Deixei de acreditar em Deus no dia em que vi o Brasil perder a Copa do Mundo no Maracanã”; “Eu jamais sou otimista; otimismo é má informação”; “Nem todos têm a lucidez dos suicidas”; “Sozinho, Roberto Campos é muito mais inteligente do que quase toda a esquerda brasileira”; “Quando se trata de política, o raio costuma cair sempre nos mesmos lugares”; “A coragem é a mais perigosa das virtudes”; “Respeito o ódio, aceito o amor, mas desprezo o medo”.

Quando tive a satisfação de conhecê-lo, há 31 anos, publiquei o artigo que agora reproduzo, em homenagem ao escritor que engrandeceu o nosso jornalismo e fez maior a literatura brasileira.

...

Pelas páginas de *Quase Memória* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), Carlos Heitor Cony regressa à literatura brasileira em grande forma. O livro é admirável, da ideia que o originou à beleza do estilo, do bom humor que o enriquece à emoção que o permeia. Desde 1974, com o lançamento de *Pilatos*, o romancista se vinha deixando silenciar pelo jornalista, pelo redator da *Manchete*, pelo editor da Bloch, pelo articulista da *Folha de S. Paulo*. Até que lhe ocorreu, um dia, escrever sobre o pai, Ernesto Cony Filho, que parece já nascera personagem de novela, tantas e tão pitorescas são as histórias que protagonizou. Ficcionalista experimentado, percebeu que não compunha propriamente um romance, como esclarece na “Teoria geral do quase”, com que se dirige ao leitor: “Falta-lhe, entre outras coisas, a linguagem. Ela oscila, desgovernada, entre a crônica, a reportagem e, até mesmo, a ficção. Prefiro classificá-lo como ‘quase-romance’ – que de fato o é. Além da linguagem, os personagens reais e irreais se misturam, improvavelmente, e, para piorar, alguns deles com os próprios nomes do registro civil. Uns e outros são fictícios.” Ao contrário do que representam para autores menos brilhantes, a indefinição da linguagem e a indeterminação do gênero só engrandecem o texto de *Quase Memória*, como liberdades que se ofereceram ao romancista para que pudesse construí-lo.

Ernesto Cony Filho era mesmo uma grande figura, a alma plena de sabedoria, o coração cheio de esperança, a cabeça tomada pelas ideias mais excêntricas. “Amanhã farei grandes coisas!”, era a disposição com que esperava o dia seguinte. Sem nenhuma surpresa, viu cruzar a noite, para morrer justo no seu quintal, o enorme balão que soltara doze dias antes: “As coisas tendem a voltar ao lugar de origem”, foi a explicação que deu ao pequeno Carlos Heitor, impressionado com a assombrosa coincidência. Ao saber dos milagres do “taumaturgo de Urucânia”, no interior de Minas Gerais, organizou um comboio cujos vagões partiram do Rio de Janeiro apinhados de doentes, na ilusão da cura. Episódio tão hilariante quanto esse só o vivido pela dupla Paulo Campos e “Barão”, picaretas que, para conseguir o dinheiro com que sustentar um jornaleco, convencem o governador mineiro a lançar-se candidato contra Júlio Prestes e Getúlio Vargas, nas eleições que acabariam por deflagrar a Revolução de 1930.

Essas, as histórias que Carlos Heitor Cony guardou do seu velho pai, há muito adormecidas na lembrança. Até a tarde em que, depois do almoço de costume no Hotel Novo Mundo, no bairro carioca do Flamengo, o porteiro lhe entrega o pacote trazido por um hóspede. O narrador não esconde a emoção: a letra do sobrescrito, a espécie de laçada no barbante são do pai, só ele as faria com aquela minúcia. E recentemente, vê-se pelo frescor da tinta e pelo brilho do papel. Mas como, se Ernesto Cony Filho morreria havia dez anos?! O mistério desa-

fiará o romancista e prenderá os leitores até o último instante – quando o filho abre o pacote e desvenda o segredo... ou deixa-o fechado para sempre, guardando na escuridão da incerteza a presença viva do pai.

A passeio no Rio, quis dizer pessoalmente a Cony da emoção que me dera o *Quase Memória*. Encontramo-nos no edifício da *Manchete*, onde ocupa o escritório que foi do ex-presidente Juscelino Kubitschek. A observação de que trouxera de volta não apenas o próprio pai, mas, de certa maneira, o de cada leitor é a da maioria dos que o procuram:

— Quando pensei em escrever o livro, não pretendia fazer memória nem ficção. Daí a maneira vaga como o defini: quase-memória, quase-romance... O que eu queria, na verdade, era apenas falar sobre o meu pai, dizer o que sinto sobre ele, o que me ficou dele – fazer-lhe justiça, enfim. Parece que, com essa confissão extremamente pessoal, acabei traduzindo o sentimento de muitas pessoas. Quase todas declaram exatamente o que você acaba de dizer: que, ao lembrar a figura do meu pai, acabei resgatando, de alguma forma, a lembrança de todos os pais. Curioso é que, antigamente, meu público leitor era formado preferencialmente por mulheres, acho que os meus romances interessavam mais a elas... Com o *Quase*

Memória, está acontecendo exatamente o contrário: são os homens que se dizem emocionados com o que escrevi.

O melhor de *Um Brasileiro em Berlim* é a comovente homenagem que João Ubaldo Ribeiro presta ao pai, como se houvesse hoje, entre os nossos romancistas, um “movimento pela reabilitação paterna”, que teria certamente o apoio de Cony:

— Acho isso interessante porque o pai sempre levou uma grande desvantagem com relação à mãe, no conceito dos filhos e da própria sociedade. Se alguém ofender moralmente sua mãe, você pode até matá-lo e arguir a honra para se defender perante a Justiça; se a agressão for contra o pai, não. Fico satisfeito por contribuir, com o sucesso do meu livro, para a reabilitação dos nossos pais...

Disputando com *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, e *Benjamin*, de Chico Buarque, *Quase Memória* foi um dos lançamentos que mais venderam em 1995, provocando gestos que surpreenderam o autor:

— Todo mundo sabe que não gosto do Antônio Carlos Magalhães, por tudo que representa de ruim na política brasileira. Pois bem: um dia desses, critiquei-o numa crônica e ele me passou um fax espinhafrando de alto a baixo. No finalzinho, porém, disse que leu o livro e adorou, fez altos elogios à minha obra. Dias depois, encontramos-nos em uma solenidade na Bahia: ele veio me cumprimentar e pediu que lhe autografasse um exemplar para o filho, deputado Luís Eduardo Magalhães. Eu fiquei pensando: “O Luís Eduardo deve tudo ao pai, sua carreira política nem teria começado sem a bênção paterna. Ora, o senador quer que ele leia o livro talvez porque seja aquela a maneira como gostaria de ser lembrado no futuro. Se quem merece toda a gratidão do filho pode não estar satisfeito com a imagem que tem, imagine como não devem sentir-se os outros, que fizeram muito menos pelos filhos...”

Despeço-me de Carlos Heitor Cony elogiando-lhe a boa forma com que chega aos 70 anos:

— Você me acha bem fisicamente, mas isso é só aparência. Estou com um problema de saúde, tanto que, depois do Natal, irei aos Estados Unidos fazer uns exames. Ficarei no Mount Sinai Medical Center, o mesmo onde morreram Tom Jobim, Pedro Collor e Jacqueline Onassis. Espero não ser o próximo... Mas a ideia da morte, na verdade, não me angustia: se todos nós vamos morrer, eu, pelo menos, já tenho uma *causa mortis*...

Carlos Heitor Cony morreria 23 anos depois, em 2018, a poucos meses de completar 92 anos.



Novos Lançamentos

Por Beth Alves

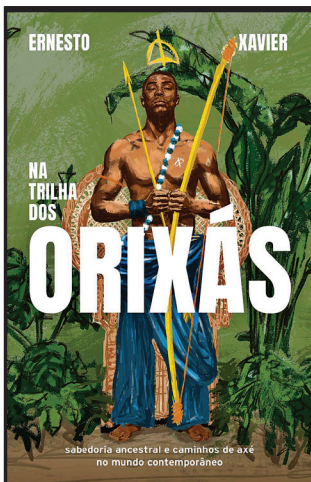
bethalves2025@gmail.com



COLONIA PENAL

Com uma linguagem direta e sem rodeios, *Assim na Terra Como Embaixo da Terra* (Editora Record) prende a atenção do leitor logo nas primeiras páginas. Este eletrizante e premiado romance de Ana Paula Maia narra o cotidiano de uma colônia penal isolada em vias de desativação. Construída em um terreno com histórico tenebroso de tortura de escravos e assassinato, a instituição foi criada para ser um modelo de detenção do qual preso algum jamais fugiria. Com o tempo, o objetivo inicial de socializar os detentos para reinserção na vida em comunidade foi sendo deturpado. Na prática, a colônia se transformou em algo muito diferente: uma espécie de

campo de extermínio. Nos últimos dias de funcionamento, o clima no local, que conta então com poucos apenados, é de aparente calma. No entanto, pouco a pouco os horrores vividos ali vão sendo revelados. O agente superior Melquíades é a maior autoridade por trás daqueles muros, e também o algoz dos presos. Nas noites de lua cheia, o chefe libera alguns condenados da tornoeleira e ordena que corram. Ele, então, inicia um sinistro jogo, caçando os homens com seu rifle como se fossem animais selvagens, apenas por satisfação pessoal. O livro surge em um momento de discussão sobre a situação do sistema penitenciário no Brasil, com a ascensão de um discurso extremista e violento oposto às políticas de defesa dos direitos humanos.



ORIGENS

Ernesto Xavier demonstra, *Na Trilha dos Orixás* (Editora Goia), que as tradições de matriz africana preservam uma vitalidade rara: enraizadas na ancestralidade, permanecem intensamente ligadas aos desafios do presente, indo muito além do sagrado e reafirmando sua resistência frente às tentativas de apagamento. A partir da mitologia dos orixás, o autor traz reflexões que perpassam nossa vida cotidiana e estão na ordem do dia para a construção de um mundo mais justo: amor, poder feminino, masculinidades, manutenção da saúde física e mental e dimensões diversas das experiências de perda e luto. Entre os muitos méritos do livro está a defesa de que as culturas tradicionais são vivas, potentes, sofisticadas, recusando as armadilhas

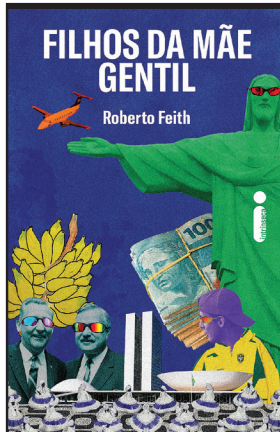
que as empurram para o campo do que é atrasado ou pitoresco. Assim, o autor ilumina escolhas cotidianas, inspira modos de convivência e oferece caminhos tanto para a dimensão íntima quanto social de nossa vida. Um livro essencial para quem deseja conhecer o tema, mas também um grato recorte para os já iniciados. “Este livro deixa claro que o culto aos orixás é um patrimônio filosófico, artístico, espiritual, que não deve nada a qualquer grande sistema de pensamento.” Luiz Antônio Simas.



MOSAICO

Pequenos Sigilos (Ação Editora) marca a entrada de Chico Chico no universo literário e promete revelar novas facetas de sua alma criativa, já admirada pelo público. O livro reúne textos escritos pelo autor ao longo dos últimos anos, transitando entre poemas, contos, minicontos e pensatas. A seleção apresenta um mosaico entre o onírico e o cotidiano, e convida o leitor a percorrer as margens da inquietação, da beleza e da dúvida que permeiam sua criação. Os textos exploram temas universais, como amor, saudade, tempo, infância e a relação do ser humano com o silêncio e o mundo. Há pequenos sigilos que podem ser um perigo de melodia nos respiros da noite. Grandes coisas indecifráveis em si, mas com um azul bem definido e uma boa quantidade de tempo. Não

por isso tão importantes assim, contudo ainda maiores que as terças e quartas e quintas e sextas. Se forem sábados, sabe-se lá, desmoronam no início. O menino vê outra maneira de viver sempre com as dúvidas, ao passo que os ventos perseguem caminhos e não se esquecem dos desejos. “São muitas as faces desse poeta, e esse talvez seja uma de suas principais qualidades. Esperamos que Chico Chico continue assim, à procura das descobertas de sua subjetividade, mas também permitindo a música de suas muitas vozes” – Geraldo Carneiro, membro da ABL na apresentação de *Pequenos sigilos*.



CALEIDOSCÓPIO

Com reviravoltas, vários núcleos dramáticos e inúmeros personagens, *Filhos da Mãe Gentil* é um verdadeiro caleidoscópio de tipos e perfis. Todos eles – como nós – criaturas da pátria amada, Brasil. *Filhos da Mãe Gentil* (Editora Intrínseca) tem mais de um protagonista. Um deles, no entanto, é seu fio condutor. Repórter veterano, Roberval Pompermayer já viu dias melhores. Desempregado, vivendo de frilas, ele só quer vender um terreno que herdou para deixar os filhos ajeitados. Mas, numa barganha faustiana, acaba assumindo um desafio insólito: ajudar Wozinton Polozola, filho de um poderoso bicheiro, a se tornar uma celebridade. No caminho, o jornalista

assume a comunicação da grande sensação do mercado financeiro – uma *startup* de inteligência artificial –, negocia com lobistas mercenários e políticos venais, é ameaçado por capangas, descobre o mundo da aviação privada e se apaixona perdidamente por Flordenira, jovem e talentosa executiva. Tragado por um redemoinho de eventos improváveis, a um só tempo desavisado e determinado, Roberval reencontra o seu lugar e, lança em riste, se dedica à proteção da mulher amada. A odisseia do nosso anti-herói se mistura às outras tramas do folhetim, produzindo uma narrativa que engaja, diverte e, tal como o noticiário nacional, escapa de qualquer previsão.



ÊSCUTA

Cíntia Chagas e Manuela D'Ávila unem suas vozes para falar das dores vivenciadas por mulheres e da potência que nasce quando estas se reconhecem umas nas outras, no livro *A Dor Comum* (Editora Planeta). Com coragem e sensibilidade, elas revelam histórias dolorosas, mas também inspiradoras, porque cada página é um convite à transformação. Aqui, não há espaço para indiferença: você vai se emocionar, vai se indignar e, sobretudo, vai se sentir parte de uma luta coletiva. Este livro nos mostra que a força da união é maior do que a da divisão. Juntas podemos reinventar o mundo. Uma leitura urgente, necessária e impossível de esquecer. “Cíntia Chagas e Manuela d'Ávila são mulhe-

res poderosas, independentes e com visões de mundo distintas. Aceitaram fazer o que hoje, infelizmente, se tornou raro: ouvir o outro. Em tempos barulhentos, em que as redes sociais são os caminhos para confirmar convicções, as duas ouviram e aprenderam uma com a outra. Este livro nos mostra que cordialidade, civilidade e escuta fazem de todos nós pessoas melhores. Viva Cintia. Viva Manuela.” – Julia Duailibi – jornalista.



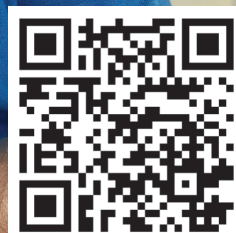
UTOPIAS

Obra emblemática de um dos escritores mais apaixonantes da literatura brasileira, publicada originalmente em 1990. Último romance de Caio Fernando Abreu, *Onde Andará Dulce Veiga?* (Companhia das Letras) se passa em uma São Paulo notívaga e decadente, assombrada pelos fantasmas da ditadura e pelas utopias que não se realizaram. Nesse cenário que mistura cinema, música e a ambição de se tornar alguém célebre, o protagonista – um jornalista desalentado – parte em busca de uma cantora que fez sucesso nos anos 1960, mas cujo paradeiro é desconhecido. O livro, que foi adaptado para o cinema, combina investigação policial e mergulho psicológico, ao explorar a solidão, o desejo e os sonhos aban-

donados pelo caminho. Para o escritor Paulo Scott, autor do posfácio desta edição, o romance trata não apenas da busca existencial do protagonista, mas também dos vínculos entre as pessoas deslocadas de suas casas, em locais que permitem “novas chances de (des)construção e) reconstrução de si mesmas”. Do autor, a Companhia das Letras publicou *Contos Completos* (2018), *Morangos Mofados* (2019), *Limite Branco* (2022), *Triângulo das Águas* (2023) e *O Ovo Apunhalado* (2025). Morreu em Porto Alegre, em 1996.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
momentos da sua vida.**

Análise de trágico-cômico em uma narrativa de Bernadette Lyra

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*



Maria Bernadette Cunha de Lyra, uma artista da palavra, que enriquece a literatura capixaba, com obras ficcionais de contos, crônicas e romances, nasceu no município de Conceição da Barra, lugar que será palco de muitas de suas narrativas, é professora Universitária, nas áreas de Literatura e Cinema, Licenciada em Letras pela UFES, doutora em Artes/Cinema, ECA/USP, Pós-doutora pela Universidade René Descartes, Sorbonne – França, 1989.

Em nossa análise, nos apoiaremos no conto de Bernadette “O jardim das delícias”, da obra *O Jardim das Delícias* (Vitória: Ufes- FCAA, 1982), com apoio das estéticas do século XX:

O expressionismo – movimento artístico europeu, surgido na Alemanha, que dá valor a uma expressão inconsciente, subjetiva, do artista, em vez de uma reprodução fiel da realidade, numa procura de transmitir intensos sentimentos, como medo, egoísmo, raiva, solidão, com deformações e exageros dramáticos, na utilização de técnicas variadas como a pintura de ação, e o “*esperpéntico*”¹ – original estética que se encontram em algumas obras do escritor espanhol Don Ramón de Valle Inclán, poeta, dramaturgo e romancista espanhol, natural da Galícia, definida, em falas de personagens, em geral criados no gênero dramático, como “superação da dor e do riso”, ou, uma realidade subjetiva e forma dramática, ao mesmo tempo em que surge uma visão patética do mundo, em geral. Nessa estética apresenta-se o cenário das ações na cidade. Com o recurso da técnica da alusão e da alegoria oferece a crítica ao poder, com um tom humorístico trágico e caricaturesco, como os delírios de Bueghel, e apresentam-se os atos e paixões dos personagens com manifestações exteriores.

A alusão e a alegoria, junto com a técnica de planos cinematográficos e pictóricos para efeito de desumanização são recursos estéticos que se podem encontrar na prosa da escritora capixaba Bernadette Lyra, em contos de suas obras como *O Jardim das Delícias*, na qual, no conto do mesmo nome, apontam-se aproximações das estéticas do expressionismo ou da técnica “esperpéntica” de Valle Inclán, nas situações trágico-cômicas e na apresentação de verdadeiros personagens fantoches humanos.

O espaço da ação é num jardim. Nele, ao entardecer, estão alguns velhos. Ao todo sete. Detrás das figuras de indivíduos, aparentemente dignos, se esconde sua realidade espiritual. O título insinua uma realidade que se mostrará trágica. Só no final do conto, no último parágrafo, uma personagem jovem, de moto, um “*anjo negro de calça Lee suada*” de “*asas como veludo e o zíper da jaqueta brilhante mais que a luz de mercúrio*”, se apresenta de repente. Sua figura e ações contrastam com as dos sete personagens. Ela representa a tomada de consciência de uma frágil e pobre sociedade ante a denúncia da juventude. Movimenta-se num

mundo alegórico. Salta de sua moto e esotraalha a superficial vida dos velhinhos: “*deuses de plástico*.”

No conto, desde os primeiros parágrafos, tudo é ironia: título, personagem, paisagem, ação e tempo:

Sete velhinhos sentados na doçura da tarde. São dois homens e cinco mulheres. A primeira à direita foi deixada ali desde as primeiras horas do dia recoberta por imensa barraca de praia. Desde então sua ocupação predileta tem sido balançar as pontas dos dedos dos pés nas chinelas. Além disso, apenas cochila. Quando um fio de baba desliza sobre a gola de seu peignoir, mesmo adormecida, estreme. Gira o branco do olho e imagina: oh oh, será que teremos morcegos aqui nesta noite?

Perto desta, duas outras velhinhas tricotam. A de vestido roxo vez em quando descansa a agulha e se ocupa em lustrar moedinhas nas coxas. Ela esfrega, até que as moedinhas se transformam em rodela brilhantes. Então, mete as moedinhas uma a uma no decote, entre os seios. Enquanto a outra, a criatura do xale amarelo, finge que enrola fios de lã entre os dedos. Na verdade, por trás das bifocais, tem os olhos de ágata dissolvidos no gelo. Estão duros, esses olhos cobiçosos e duros como pedras saídas de um congelador.

Fios de peixes atravessam os ladrilos do tanque
Alguns flamboyants comem o sol
(...)

O número dos personagens: sete, tem uma significação cabalística, e é o número dos pecados capitais, ponto esclarecedor para a interpretação dessa realidade parodiada. Nesse jardim, nada é gentil, agradável (deliciosamente florido, perfumado e encantador). Há crueldade, amargura, onde, à primeira vista, parece haver ternura. Nem o diminutivo “velhinho” dado aos frequentadores do jardim é carinhoso, nem são belas as inferências que se tem de suas almas.

O tempo, sugestivamente belo, é uma metáfora grotesca. O ocaso do dia, contraste de luz e sombra, momento em que a luz e a treva se encontram, representa o ocaso de vida, declínio da vida com o envelhecimento. Os personagens, desnominaados, são seres em conflitos e estão onde deveria haver beleza, perfeição, tranquilidade. São apagadas criaturas, tragicômicas, indicadas por ordinais. São seres alegóricos, atormentados, que adoram esse jardim.

Na aparente tranquilidade desse jardim com o sol suave, os rubros flamboyants, as parasitas rosadas, pomba branca, camaleão curioso, peixes finos e jardim delicioso, está a imagem grotesca, ridícula, de vícios: a preguiça, a primeira a apresentar-se. Segue-se a ela: gula, avareza, inveja, soberba, luxúria e ira, assim todos os sete pecados capitais.

Num âmbito mais geral, a visão grotesca dos velhinhos de decadente moral e, fisicamente, de aspecto de seres fantoches, “esperpénticos”, que a narradora habilmente maneja, se estende para toda a humanidade.

A sátira ao jardim torna-o um aparente inferno dantesco, semelhante a Quevedo nos *Sonhos*. A autora obriga o leitor a contemplar uma cruel imagem de corrupção humana, numa paisagem da podridão moral humana. Homens e paisagens não se harmonizam na realidade ficcional nem na disposição gráfica, análoga à estética expressionista. Essa técnica da narrativa de *O Jardim das Delícias*, de Bernadette Lyra, faz-nos, também, aproximá-la à cuidadosa de Valle Inclán, como por exemplo na obra *Tirano Bandera* (1916), em que a implicação semântica do relato destoa do título da obra, semelhantemente ao que ocorre em *O Jardim das Delícias*, pois em ambos existem nos títulos promessas de um texto de beleza, harmonia, prazer e, ao contrário, é apresentado ao leitor um ambiente de negatividade, de podridão moral e decadência física, na apresentação dos parágrafos, e dos períodos curtos e nas descrições plásticas como o de um roteiro cinematográfico, e, também, pelas imagens apresentadas para apresentar a degradação humana, essência da narrativa, numa rude paródia da vida, de um mundo em crise donde se misturam história e ficção, realismo simbolismo, compromisso e distanciamento.

1 A estética do esperpento espanhol tem raiz nas deformações do *Quixote*, de Cervantes, na sátira *Diabo coxinho*, de Guebara, na grotesca procissão humana do sonho do *Juízo final*, de Quevedo, na pintura negra de Goya, no culto ao terrível e monstruoso, enfim, na literatura barroca espanhola.

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é professora Emérita da UFES, Presidente de Honra da AEL. Pertence ao IHGES, a AFESL, e à ALB, entre outras instituições culturais.

O tempo do desejo e o tempo do depois do desejo

Por Gabriel Chalita*

Há o tempo do desejo e o tempo do depois do desejo. O desejo satisfeito se torna tempo do depois do desejo. Que tempo é esse? De busca de outro desejo ou de um tempo de satisfação?

O tempo da satisfação é o tempo da maturidade. Da compreensão do belo do estacionar as esperas. Do deixar de buscar sem precisão do que buscar. Do não incentivar a sede, quando a sede pode ceder sem o incentivar.

O tempo da paixão é o tempo em que os humores ganham descontrolo. É o tempo que há, quando há. O restante do tempo é espera. É o tempo de que me lembro conseguiram me desaparecer. Não estava, quando estava em qualquer outro lugar que não o lugar da paixão. Fingia outros motivos para as lágrimas, para a dispersão. Dizia dizeres sem chão. Guardava nos guardados do sentir a dor. Paixão é dor. Se não, é satisfação.

A compreensão do tempo da satisfação, do amor leve, do acordar sem os arroubos das novidades, do fazer o feito bem feito, porém sem grandes comemorações, é de quem já aprendeu a felicidade no ordinário. No tempo da compreensão, o desejo perde asas. Somos seres da terra. Em algum momento, é preciso abandonar o desejo insano do voo ou da subida sem razão. A subida sem razão nos promete uma outra paisagem depois de tudo. Depois do esforço de imaginar perfeições. De dizer ao que há que não basta. De não se bastar.

O que há depois da subida sem razão? As boas paisagens se oferecem também nas planícies. E há voos do chão. No olhar para o alto e agradecer.

Há desejos tantos nas crianças. Há medos de desaparecimentos em simples brincadeiras. Se se esconde um brinquedo, o choro e a sensação de que o brinquedo desapareceu. Crianças crescem. E crescem os conhecimentos de que os brinquedos continuam a existir, mesmo quando não os vemos. Que podem brincar com os outros e que podemos prosseguir sem eles. E que há outros brinquedos possíveis. E que nem tudo é brinquedo. Há o bonito da criança permanecer em nós, na alegria, na expansão de amor, quando um novo encontro nos encontra, na crença de que há limpeza no mundo. E há o desnecessário da criança. Da que quer para si. Da que ainda não aprendeu a compartilhar ou a deixar ir.

O tempo do desejo é o tempo que vem antes da compreensão. Da compreensão de que, de desejo em desejo, ficamos sem nada. O nada é ausência. Algumas ausências nos fazem bem. Outras nos desanimam. O tempo do desejo parece nos animar. Parece nos dar alma. Parece, apenas. A alma sobrevive ao desejo. A alma é maior. É o aprender da satisfação, do contentamento.

O tempo do depois do desejo, do desejo do tempo de criança ou do desejo de criança de que algo seja nosso, mesmo depois de adulto, pode ser um tempo de contentamento, se aprendermos com o tempo. Ou pode ser um tempo de buscar outro desejo como se o existir fosse a ausência de contentamentos.

Olhar para os desejos e pensar sobre eles é uma escola. Olhar para os desejos e lembrar os desejos que já se foram nos ajudam a dizer, para os que ainda estão, que possam ir. Que possam ir para que possamos ir mais leves para o tempo do contentamento. O tempo em que abrimos o dia agradecendo.

Que graça sabermos que não temos tudo, mas que o tudo que temos nos basta.

Que graça aprendermos com o tempo a não nos desgraçarmos nas buscas.

Não está no outro o tempo do contentamento. Está no sentimento de estarmos. E mais nada.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Toda teoria tem um Lado PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br





Mais do que um ícone da música brasileira, Elza Soares é símbolo das lutas feminista e negra no país. A jornalista Lígia Moreli propõe uma análise crítica de sua trajetória, articulando feminismo, política, psicanálise e estudos de mídia para compreender seu posicionamento estético-político e sua relevância nas discussões sobre racismo, gênero e etarismo no Brasil.

saiba mais



edições
Sesc

  /edicoessescsp

sescsp.org.br/edicoes